



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Artes – Ida
Departamento de Artes Cênicas – CEN

Fernanda Gabriela da Costa Oliveira

**O CIRCO COMO POSSIBILIDADE PEDAGÓGICA NAS ARTES
CÊNICAS: um estudo no ensino médio**

Brasília-DF
2019

Fernanda Gabriela da Costa Oliveira

**O CIRCO COMO POSSIBILIDADE PEDAGÓGICA NAS ARTES
CÊNICAS: um estudo no ensino médio**

Trabalho de Conclusão de Curso a ser apresentado ao Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Artes Cênicas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Soraia Maria Silva.

Brasília-DF
2019

**O CIRCO COMO POSSIBILIDADE PEDAGÓGICA NAS ARTES CÊNICAS: um
estudo no ensino médio**

Fernanda Gabriela da Costa Oliveira

Trabalho de Conclusão de Curso submetido como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada do Curso de Artes Cênicas da Universidade de Brasília, apresentada e aprovada com menção _____ pela banca examinadora abaixo assinada:

Brasília, 5 de dezembro de 2019.

Prof.^a Dr.^a Soraia Maria Silva

Orientadora

Prof.^a Dr.^a Ângela Barcellos Café

Membro da banca

Prof. Dr. Tiago Elias Mundim

Membro da banca

Brasília-DF
2019

Dedico aos meus familiares, amigos e a todos aqueles que um dia acreditaram em mim neste curso de graduação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família pelo apoio nos estudos.

Agradeço aos meus amigos por motivarem-me.

Agradeço a Ângella Barcellos por ter ajudado-me no início desta escrita.

Agradeço ao Anderson Ued que mesmo de longe acompanhou-me, auxiliando-me neste processo de pesquisa.

Agradeço a minha querida orientadora Soraia Maria Silva que com muito carinho guiou-me no processo da escrita.

Agradeço a oportunidade de pesquisar algo que me inspira e por ter pessoas que me fizeram chegar até onde estou.

Gratidão!

RESUMO

Este trabalho consiste em uma análise etnográfica do ensino da Arte Circense em escolas de nível médio. A pesquisa busca entender a aplicação didática do circo nas escolas, pois a presença dessa linguagem na educação básica é muito recente. As escolas que formam profissionais circenses no Brasil surgiram no final do século XX. E já no início do século XXI, o ensino do circo tomou uma grande proporção, tanto na aplicação de técnicas básicas circenses no ensino superior como no ensino básico. Analisa-se o processo didático da arte circense nas instituições de ensino de nível médio por meio de pesquisa em quatro obras literárias: *Arte de Perto* escrita por Azoubel, Muniz, Rocha e Vivas (2016); *Atividades Circenses: possibilidades e perspectivas para a educação física escolar*, do autor Duprat (2017); *Circo: Horizontes Educativos*, dos pesquisadores Bortoleto, Barrágan e Silva (2016) e, por fim, o *Currículo em Movimento da Educação Básica do Ensino Médio* (2013), elaborado durante o governo Agnelo Queiroz, no Distrito Federal. Também foram realizadas entrevistas gravadas com docentes a respeito do ensino do circo, tendo como apoio para as mesmas o livro *Licenciatura em Teatro: Estágio Supervisionado em Teatro 1 e 2* (2013). Ao longo do trabalho, observa-se quais são as facilidades (conteúdo teórico, adaptação para a realização das atividades) e dificuldades (qualificação dos docentes, falta de equipamentos) que existem nas escolas de ensino médio com relação ao ensino circense.

Palavras-chave: Ensino Médio, Circo, Educação, Artes Cênicas.

LISTA FIGURAS

Figura 1 - Espetáculo Flores do Cerrado	14
Figura 2 - Dimensões das áreas de linguagens.....	18
Figura 3 - Matrizes de poses acrobáticas.	26
Figura 4 - Exemplo de materias de malabarismo de lançamento.....	27
Figura 6 - Exemplo de Malabarismo de Contato	27
Figura 5 - Exemplo de malabarismo giroscópico.....	27
Figura 7 - Exemplos de Equilíbrios.....	30

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Classificação das modalidades circenses unidades didáticas - pedagógica	24
Quadro 2 - Modelo de jogo circense	25
Quadro 3 - Jogo circense de malabares de lançamentos.....	28
Quadro 4 - Jogo Circense de prestidigitação	29
Quadro 5 - Exemplo de jogo de mímica	31

SUMÁRIO

1	Introdução	10
1.1	A minha trilha até o circo	12
1.2	Da lona para a escola	14
2	Adentrando a escola	17
2.1	Currículo em Movimento da Educação Básica do Ensino Médio	17
2.2	O Livro Didático: Arte de Perto	20
2.2.1	Unidades que abordam a temática circo.....	21
2.3	O Circo, o Currículo em Movimento da Educação Básica do Ensino Médio e o Livro Didático.....	22
3	A Escola e o circo	24
3.1	Duprat: a aplicação do ensino circense na escola.....	24
3.1.2	Acrobacias solo.....	25
3.1.3	Manipulações.....	26
3.1.4	Prestidigitação	28
3.1.5	Equilíbrios	30
3.1.6	Encenação.....	30
3.2	O circo, o ensino e os docentes	31
4	Abrindo os olhos para as possibilidades.....	35
	Considerações finais	38
	Referências.....	39
	APÊNDICE 1 – ÁUDIO: ENTREVISTA COM ANGÉLICA.....	41
	APÊNDICE 2 – ÁUDIO: ENTREVISTA COM LUIZ.....	45
	APÊNDICE 3 – ÁUDIO: ENTREVISTA COM WEMYSON.....	50
	APÊNDICE 4 – ÁUDIO: ENTREVISTA COM ABÉRICO.....	53
	Anexo 1 - Quadro 1, Multiletramentos, Criatividade e Movimeto: Matriz Curricular proposto pelo Currículo em Movimento	55

Anexo 2 – Quadro 2, Múltiplos, Apreciação Estética e Ética: Matriz Curricular proposta pelo Currículo em Movimento	57
Anexo 3 – Quadro 3, Múltiplos, Ciência, Reflexão e Análise Crítica: Matriz Curricular proposto pelo Currículo em Movimento	58
Anexo 4- Certificado de Artista Circense	59
Anexo 5 – Livro Didático utilizado na escola CED 310 de Santa Maria-DF	60

1 INTRODUÇÃO

A vivência circense sempre esteve presente na minha vida, mesmo que de forma subjetiva e isso me instigou a realizar essa pesquisa. Foi a curiosidade em relação a essa temática, do seu processo histórico e da sua formalização na perspectiva de aprendizagem e manifestação artística. Com isso, desenvolvo esta monografia a partir da minha experiência como artista e como estagiária na escola CED 310 de Santa Maria – DF, analisando os materiais teóricos que dão suporte a essa aprendizagem, se os docentes trabalham essa temática na escola e se é possível aplicar ou não na prática.

Os objetivos são: entender a abordagem da teoria em sala de aula e como ela se dá; averiguar se há professores preparados para o ensino dessa linguagem artística; relacionar o currículo em movimento do Ensino Médio com o ensino da Arte Circense; saber o que o corpo docente pensa sobre o ensino da arte circense e como isso reverbera na escola. Busca-se, principalmente, entender o processo de aprendizagem da linguagem circense e como ela se dá, sendo uma proposta de ensino tão nova tanto nas universidades quanto nas escolas. São usados como suporte: o *Currículo em Movimento do Ensino Médio*(2013) , o livro didático *Arte de Perto* (2016), o livro *Circo: Horizontes Educativos*, a dissertação *Atividades Circenses: possibilidades e perspectivas para a educação física escolar* (2017) e entrevistas gravadas com os docentes. Os capítulos estão divididos da seguinte forma:

No Capítulo 1, irei abordar minha trajetória no circo e as demais linguagens artísticas, tendo como foco o seu potencial educativo, sendo detalhado na seção “A minha trilha até o circo” em que desenvolvo essa questão. Já na seção “Da lona para a escola” adentro mais na pedagogia circense, explicando de forma breve o processo do ensino das famílias tradicionais circenses até chegar ao ponto das escolas de circo. Isso também tem como base a minha vivência, leituras e o local onde nasci e resido, Brasília-DF.

No Capítulo 2, analiso o currículo em Movimento do Ensino Médio, proposto pelo Governo do Distrito Federal (GDF). São demonstradas as formas em que o circo pode servir de possibilidade de aprendizagem nas artes cênicas no DF, principalmente através das propostas do Currículo em Movimento e do livro didático fornecido pelo GDF nas escolas públicas.

No Capítulo 3, demonstra-se o que os docentes da escola pública Centro Educacional 310 de Santa Maria – DF pensam a respeito do ensino do circo na escola, bem como a aplicabilidade desse conhecimento. A partir do Estágio Obrigatório Supervisionado, pude realizar as entrevistas com os docentes no período vespertino. Os entrevistados foram uma

professora de Artes Cênicas, um professor de Educação Física e o vice-diretor. Estudaremos, de acordo com Duprat (2017), quais atividades circenses cabem no ambiente escolar e, em seguida, apresentaremos a perspectiva dos docentes em relação ao ensino do circo.

No Capítulo 4, relaciona-se todo o conteúdo analisado com o livro *Circo: Horizontes Educativos* (2016), assim expondo quais as possibilidades de desenvolvimento do circo no processo de aprendizagem.

Por fim, as considerações finais, referências, apêndices com as entrevistas gravadas ao longo da pesquisa e os anexos.

1.1 A MINHA TRILHA ATÉ O CIRCO

Durante a minha infância, já era apaixonada pelo circo, pois tudo que levava ao lúdico e à fantasia faziam com que meus olhos brilhassem de alegria e no circo eu encontrava tudo isso! Meu pai também amava o circo, tanto que foi equilibrista quando tinha uns 28 anos de idade, hoje com 55 anos de idade relata durante a entrevista gravada sobre o circo em que trabalhava com muita nostalgia (vide o apêndice 4). Sempre que o circo estava na cidade, eu e minha família o visitávamos. Também tive a oportunidade de frequentá-lo em passeios da escola durante a educação infantil e o ensino fundamental 2, mas não com tanta frequência como eram os passeios para o cinema ou para o clube, porque o circo não era algo fixo, era itinerante.

Toda vez que ia ao circo quando criança, a sensação era tão boa que não queria ir embora. Lembro que queria ficar lá para sempre e meu sonho era morar no circo e sair pelo mundo, dando cambalhotas e sendo contorcionista. O número de contorcionismo era o que mais me encantava e eu gritava “Eu também sei fazer! Papai, deixa eu ficar com o circo!?” A resposta não era tão animadora, afinal de contas era sempre um “Não”. Mas em casa eu brincava, tudo o que eu via de contorção tentava imitar, sem consciência alguma se aqueles movimentos poderiam gerar alguma lesão. E meu pai me instigava, fazíamos segunda altura, com ele obviamente sendo portô (base) e eu volante (aérea).

Às vezes, na escola não precisávamos ir até o circo, o circo ia até a gente, levando números de palhaçaria, contorcionismo e perna-de-pau, que envolviam as crianças por meio de um enredo cômico e fantasioso. Uma vez vi uma boneca de pano - a Emília, do Sítio do Pica-Pau Amarelo - em cena durante uma apresentação na escola: a boneca estava dentro de uma caixa e, quando o Visconde de Sabugosa a tirou e a dobrou para lá e para cá, um pozinho mágico apareceu fazendo ela ter vida, eu pensei: “eu poderia ser a Emília”. Mas tudo ficava em pensamento e alguns treinos autodidatas - se é que podem ser chamados de treinos -, onde imitava minha mãe que gostava de fazer alguns movimentos de ginástica na sala enquanto ouvia música, a minha família não tinha condições de investir, então, tudo isso se transformava em brincadeira. Brincadeira gostosa e fluida, que me deu muita desenvoltura e me fez ser quem eu sou hoje. Mas, quem eu sou hoje?

Hoje eu sou Nanda Gabisflor e também Fernanda Gabriela. Nanda Gabisflor (nome artístico) para nunca perder a leveza poética da vida, para lembrar que mesmo as rosas mais lindas e delicadas também têm seus espinhos. E nessa delicadeza e sutileza encontrei-me com a arte, a arte sempre esteve presente na minha vida, sempre fazendo os meus olhos brilharem... Por um tempo me expressei mais com poemas e com a música, versos simples, porém, feitos

com o coração. No ensino médio, entrei em um curso de teatro em inglês para trabalhar a minha vergonha/timidez, visto que tinha medo de errar, mas antes tive que fazer uma escolha porque o horário desse curso era o mesmo de uma oficina de dança do ventre que eu fazia, ambos os cursos eram gratuitos e recomendação da professora de teatro. Como podem ver, nunca tive vergonha de me expressar com o corpo, mas tinha muito medo da fala, da voz e talvez isso ainda me acompanhe um pouco. Mas fui para o teatro, tinha que encarar o meu medo. E amei encarar!

Progresse nas apresentações e seminários da escola, comecei a fazer parte do grêmio e entrei em outro grupo de dança, até fiz parte de uma oficina de psicanálise. O teatro me motivou!

Ingressei na Universidade de Brasília para Artes Cênicas, participei do evento de recepção dos alunos, o “Calouradas”, numa comichade só. Passaram a me dizer que eu era muito “clown” e eu não gostei. Queria fazer drama, mas a minha essência estava ali, faz parte da minha história... o circo. Comecei procurar cursos na área circense, participei do Núcleo de Trabalho do Ator no Espaço Galpão do Riso (NUTRA), onde nasceu a minha palhaça Fanfarra, em 2016. E me apaixonei pelas acrobacias aéreas, o que me fez ter uma vivência abrangente e intensa, em 2017, obtendo um certificado de Artista Circense pelo Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec)¹. E, desde então, o circo tem sido meu trabalho. Neste trabalho vamos tratar apenas do ensino médio - público regular e não o técnico -, pois também foi onde senti o despertar para a carreira artística/ pedagógica.

A seguir apresento uma imagem na qual participo de um espetáculo circense realizado no Espaço Pé Direito:

¹ Trazendo uma curiosidade este estudo, há um curso técnico de circo para alunos do ensino médio, o Médiotec, em Circo, ofertado pelo Pronatec.



Figura 1 Espetáculo Flores do Cerrado, ano de 2018, no trapézio Nanda Gabisflor (Fernanda Gabriela). Fonte: Livia Bennet

1.2 DA LONA PARA A ESCOLA

O meu conhecimento circense foi de certa forma mediado pela minha família, por um pai que já tinha feito parte do circo “O circo de Líbano” e por uma mãe com uma boa flexibilidade. Só que não foi só a minha família que contribuiu para a proximidade com essa linguagem artística, a escola também proporcionou por meio de passeios e até levando o circo até a escola. Porém, a questão que levantarei neste trabalho refere-se a como aplicar o ensino do circo na disciplina de artes no Ensino Médio? Qual é o objetivo da proposta? Primeiramente vamos fazer uma análise histórica e rever algumas características do circo com relação ao ensino até os dias atuais, de forma breve e branda.

Nos circos itinerantes de lona do início do século XX no Brasil, as famílias circenses viviam viajando, eram nômades. Todos atores do circo faziam parte de um núcleo familiar, uma grande família por assim dizer. As crianças, jovens, adultos e idosos tinham suas responsabilidades tanto domésticas quanto artísticas. Os mais velhos repassavam o conhecimento para os mais jovens, conhecimento esse que não escolar, mas de vivência (BORTOLETO, BARRAGÁN e SILVA (2016).

No entanto, segundo Bortoleto, Barragán e Silva (2016), em meados 1950, houve uma quebra de estrutura da transmissão do conhecimento, o circo deixou de ser formado apenas por familiares, passando a ser formado por artistas com contratos verbais, tornando-se segmentado e hierarquizado. Contudo, muitos não repassavam os conhecimentos para os seus filhos e até alguns circos pararam, outros deixavam os seus filhos com parentes no Rio de Janeiro e em São Paulo, outros apenas paravam com a itinerância, participando de outras atividades artísticas. Com toda essa mudança na organização de trabalho e da quebra da tradição oral – ocorreu o surgimento da primeira escola circense no Brasil em São Paulo, fundada em 1978, a Academia Piolin das Artes Circenses.

Quando as primeiras escolas de circo surgiram no Brasil, um dos principais objetivos que motivaram os profissionais, em sua maioria constituída de artistas circenses tradicionais, era dar continuidade à aprendizagem dos filhos dos próprios circenses, que estariam, segundo suas justificativas, deixando de aprender essa arte. Entretanto, o que de fato acontecia é que os filhos circenses dificilmente tinham condições de participar dessas escolas. Quem acabou por se transformar em aluno e depois artista circense ou de teatro foram pessoas fixas das cidades, vindas dos mais diferentes grupos sociais e com propostas e objetivos diversos e múltiplos. (BORTOLETO et al. , p. 14, 2016).

Segundo Bortoleto et al. (2016), com a criação do Instituto Nacional de Artes Cênicas, em 1981, e a inclusão de áreas pelo Serviço Nacional de Teatro, o circo serviu como consolidação e fundação da Escola Nacional de Circo (RJ), em 1982. A admissão dos alunos nas escolas começava aos 7 anos de idade. Hoje no Brasil, há diversas escolas e instituições que visam à pedagogia da arte circense o ensino do circo está se expandindo e uma das vertentes de ensino é o circo social que não se apoia somente nas técnicas circenses, mas no que é gerado no processo: integração de trabalho em grupo, de lazer e de cidadania.

Para abordar a historicidade do processo de formalização do ensino da arte circense, faremos a análise no contexto do ensino médio público no Distrito Federal. Dentre as propostas de ensino do Currículo em Movimento do Ensino Médio do Distrito Federal, que serve como um referencial de conteúdos para os professores, um dos conteúdos é referente às práticas circenses. O livro didático que o governo oferece para as escolas públicas apresenta o conteúdo de arte circense de forma breve, não tão aprofundada como as áreas de música, teatro, artes visuais e dança. No entanto, o circo abrange todas essas artes, o circo é rizomático, múltiplo e ainda acompanha o tempo em que se faz presente. Numa escola pública em que o professor acaba tendo que ser polivalente, por que não aproveitar a arte circense como um apoio para trabalhar e se aprofundar nas demais linguagens? E instigar o aluno a participar das aulas com as várias vertentes que o próprio circo proporciona, na tentativa em que todos possam ser beneficiados, aprendendo, desenvolvendo-se.

O circo se desenvolveu, tornou-se estudo científico dentro das universidades no mundo e, aqui no Brasil, por exemplo, a Unicamp tem uma sala de ginástica e aparelhos circenses, porém, dentro da grade curricular do curso de educação física. O circo atualmente pode estar na sala de aula do ensino médio, com a missão de compartilhar conhecimentos, não somente formar um espectador, mas mostrar para o espectador que ele também pode ir além e fazer muito mais do que imagina.

2 ADENTRANDO A ESCOLA

2.1 CURRÍCULO EM MOVIMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA DO ENSINO MÉDIO

O Currículo em Movimento é construído de forma coletiva, sendo assim imprescindível a participação de professores e professoras do Distrito Federal para a materialização do documento, levando em conta o projeto político-pedagógico de cada escola. O objetivo é estimular o cidadão, no caso, o aluno a ser protagonista e crítico (DISTRITO FEDERAL, 2013).

Nesse documento são propostas quatro áreas de conhecimentos conforme o art. 8º das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM) propõe: Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza e Ciências Humanas. O Currículo visa à contextualização, à interdisciplinaridade, à articulação e à intervenção na realidade por meio desses conhecimentos (DISTRITO FEDERAL, 2013).

O Currículo tem como eixos integradores os diversos conhecimentos da ciência, da tecnologia, da cultura e do mundo do trabalho. E tem como eixos transversais: educação para a diversidade, cidadania e educação, os direitos humanos e educação para a sustentabilidade. Trata-se de temas atuais e de relevância social (DISTRITO FEDERAL, 2013).

O Currículo em Movimento tem como objetivos específicos: melhorar as condições pedagógicas do espaço/tempo escolar, reduzir a reprovação e a evasão escolar, tornar mais efetiva a relação docente-discente, qualificar a avaliação e redimensionar a coordenação pedagógica obtendo planejamento, troca de experiências, pesquisa e formação continuada dos professores (DISTRITO FEDERAL, 2013).

Importante frisar que o Currículo em Movimento coloca o professor como um pesquisador que instiga os alunos a opinarem, pensarem e usufruírem dos novos conhecimentos, o documento afirma que se trata de um amplificador do conceito freiriano, referindo-se a Paulo Freire e sua proposta pedagógica.

Dentre as características e propostas do Currículo em Movimento, está a palavra “multiletramentos” que se refere a uma pedagogia que visa dar lugar para a multiplicidade de linguagens e culturas, ou seja, dando espaço para a diversidade e alteridade. Esse conceito foi proposto pelo Grupo de Nova Londres, em 1996, devido à globalização e os seus fatores adversos como por exemplo, a intolerância da diversidade. (Currículo em Movimento, 2013).

A proposta curricular do ensino médio está feita em matriz que se interconecta e internaliza com áreas de conhecimento organizadas em dimensões, favorecendo a interdisciplinaridade (Currículo em Movimento, p. 21, 2013). No entanto, nesta pesquisa a área de conhecimento que será aprofundada é a de Linguagens:

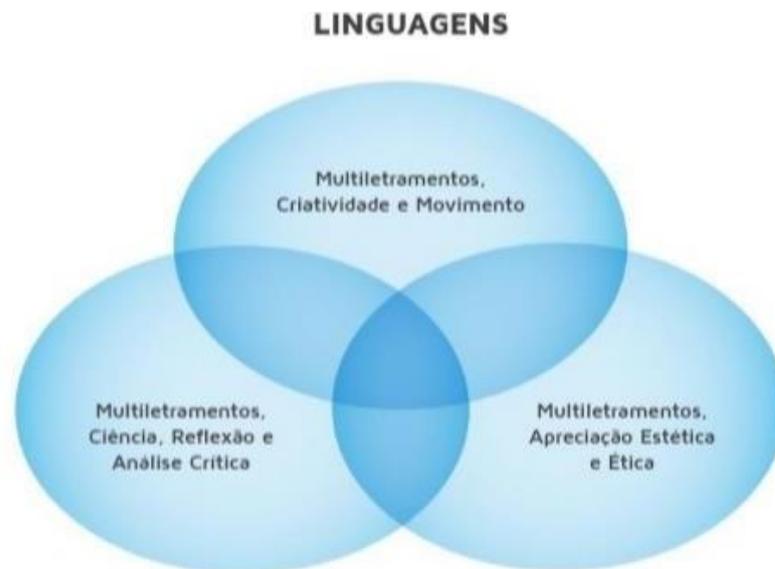


Figura 2 - Dimensões das áreas de linguagens. Fonte : Distrito Federal 2013.

As mesmas propostas com relação à aceitação a diversidade das múltiplas culturas, cabe também ao referir-se à avaliação, que deve identificar o processo de desenvolvimento de aprendizagem do aluno e não o seu insucesso.

A área de Linguagens engloba as disciplinas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Espanhol, Artes e Educação Física. Essas disciplinas têm como princípio de aprendizagem a comunicação, a interação com o mundo e a interpretação dos múltiplos significados que um determinado contexto pode trazer, de uma forma dialética, modificando e sendo modificado por meio da interação social.

Ou seja, a busca da compreensão do mundo por meio das interpretações que as línguas e linguagens podem trazer de acordo com o contexto que elas se encontram, visando compreender o multiculturalismo e o seu papel social, não descartando nenhuma forma de expressão.

Os conteúdos descritos na matriz curricular da área de Linguagens deste Currículo organizam-se de modo a possibilitar o uso e a compreensão das línguas e das linguagens em termos de esferas discursivas (didáticas, políticas, jornalísticas, artísticas, científicas, burocráticas), de gêneros discursivos, de novos e variados tipos e patamares de letramentos (digital, literário, científico etc.), bem como para legitimar sensibilidades, corpos, movimentos, percepções, sentimentos como importantes na construção de conhecimentos e no processo de aprendizagens. (DISTRITO FEDERAL, 2013, p.27).

Dessa forma, a matriz curricular de Linguagens é dividida em três Multiletramentos, como vimos anteriormente (vide Figura 3): Multiletramentos, Criatividade e Movimento; Multiletramentos, Apreciação Estética e Ética; Multiletramentos, Ciência, Reflexão e Análise Crítica.

Os objetivos gerais da área Linguagens consistem em: sistematizar aprendizagens ligadas à pesquisa, seleção de informações, análise, síntese, argumentação, negociação de significados, apreciação estética e cooperação, de forma que o estudante possa participar da sociedade contemporânea altamente tecnologizada (Currículo em Movimento, 2013, p.28).

Esses conteúdos podem ser aplicáveis ao conhecimento do circo para o desenvolvimento da aprendizagem do aluno. Ou seja, são conhecimentos que integram “o fazer” circense, possibilitando ao aluno ter uma visão mais ampla do que se trata “o fazer”, “o ser” e “o apreciar” a arte circense ².

Tendo ciência que a arte circense abrange o teatro, a dança, a música e demais outras formas de expressão seja por meio do corpo ou dos instrumentos (no caso, quando se refere à música), cabe enfatizar que a forma principal de expressão do circo está no viés corporal. Sendo assim, encaixando-se perfeitamente à proposta de educação do Currículo em Movimentos e a Pedagogia de Multiletramentos, no que se refere a ideia de uma linguagem que engloba as demais:

Este Documento baseou-se na Pedagogia dos Multiletramentos (CAZDEN et al., 1996), em função da multiplicidade de culturas e da multisseiosidade textual que permeia a sociedade contemporânea, pois entende-se que urge uma prática pedagógica pautada em necessidades reais de jovens que frequentam as escolas públicas brasileiras. Essas necessidades vão desde a formação para o mundo do trabalho e ou para a continuidade dos estudos, passando pela

² Vide os anexos 1,2 e 3 onde poderá encontrar quadros referentes a cada Multiletramentos que está dentro da matriz de linguagens, esses quadros foram adaptados para a temática dessa pesquisa, conteúdos que podem ser aplicados e relacionados ao circo.

experimentação consciente da diversidade cultural até o acesso crítico ao conhecimento historicamente acumulado, considerando-se o atual contexto em que nos encontramos, altamente tecnologizado e digital. Dessa forma, há que se pensar em uma organização curricular e em matrizes curriculares que possibilitem de fato o empoderamento e garantam o direito às aprendizagens dos estudantes de Ensino Médio. (Currículo em Movimento, 2013, p.72)

2.2 O LIVRO DIDÁTICO: ARTE DE PERTO

O livro didático de artes fornecido pelo GDF para as escolas públicas que iremos analisar é o *Arte de Perto*, escrito por Juliana Azoubel, Mariana Lima Muniz, Maurílio Andrade Rocha e Rodrigo Vivas (2016), que trata do conteúdo de artes do ensino médio, tenho conhecimento dele, pois, durante o meu estágio obrigatório, em 2018, realizado no Centro Educacional 310 de Santa Maria – DF, em que tive contato com o livro e pude ver o uso pelos alunos e pela professora de Artes regente³.

O livro faz parte do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) e é consumível, ou seja, não precisa ser devolvida para a escola ao final do ano e abrange os conteúdos dos três anos do ensino médio. Dentre os conteúdos estão as disciplinas: artes visuais, dança, música e teatro que se integram com outras linguagens artísticas como o circo, a performance e as intervenções urbanas, trazendo uma ideia de pluralidade artística.

Na introdução do livro cujo o título é *Arte, Conhecimento e Experiência* é abordada a temática Zonas de Contato que se trata das interligações das áreas artísticas como se fossem conjuntos matemáticos que fazem interseções entre si, o que reforça a Pedagogia de Multiletramentos e a questão rizomática do ensino do circo, que necessita de outras linguagens artísticas para integrar o fazer e o conhecer.

A estrutura do conteúdo do livro mostra o quanto os diversos conhecimentos estão interligados entre si, reforçando a ideia de multiculturalismo e da contemporaneidade, o que instiga o aluno a fazer assimilações entre o que vê, lê, ouve, faz e sente.

A arte faz parte da cultura e envolve vários aspectos da vida contemporânea; a tradição com expressões da cultura popular, a inter-relação de diversos campos de conhecimento e as inovações tecnológicas. Como o mundo, a arte contemporânea também é plural. Desejamos que o conhecimento e a experiência com a pluralidade das formas artísticas possibilitem uma percepção igualmente plural da sociedade contemporânea. (AZOUBEL et al., 2016, p.3).

³ os trechos que abordam o conteúdo circense estão em anexo (vide Anexo 5).

2.2.1 Unidades que abordam a temática circo

As unidades que abordam a temática circo são Unidade 1 *Arte, tempo, espaço e movimento*, no Capítulo 2, *Artes Cênicas: tempo e espaço*, tendo como um dos tópicos *Circo: tempo e espaço*; e Unidade 3 *Arte e Sociedade*, no Capítulo 11, *Teatro e Cidade*, tópico *O circo, a rua e a família*. A seguir apresentaremos um pouco sobre o conteúdo de circo no livro.

O Capítulo 2 aborda sobre o tempo e o espaço compartilhado entre artista e plateia e como aquele se prepara para o espetáculo tendo uma duração, dia e local específico. É mencionada a questão efêmera característica intrínseca das artes cênicas (teatro, dança, circo, performance, entre outros (AZOUBEL et al., 2016, p. 34-35). O capítulo também menciona a possibilidade de intervenções artísticas em outros locais sem ser necessariamente um circo de lona com picadeiro e arquibancadas, o que influencia a ação cênica e sua relação com o público, por exemplo, uma apresentação no pátio da escola em que não há tanto distanciamento entre a plateia e o artista.

No tópico *Circo; tempo e espaço* é apresentado o circo como tradição, das hipóteses do surgimento do circo e de quando o circo chega ao Brasil, incluindo conhecimento da questão histórica da economia do país:

No Brasil, a fase de ouro foi no século XIX, quando os grandes circos estrangeiros vinham para cá de acordo com os ciclos econômicos como o do café, o da borracha, o da cana-de açúcar etc.[...]. Sabe-se também que no último quarto do século XVIII já existiam grupos circenses indo de cidade em cidade, em lombo de burros, fazendo de tudo um pouco em pequenos espetáculos em dia de festa. (TORRES apud AZOUBEL et al, 2016, p.45).

O circo continua fortemente ligado à questão da tradição referente ao formato de ensino das primeiras famílias, mas também relaciona-se com o advento da tecnologia e a introdução de outros elementos artísticos tais como o teatro, a dança e a música. No entanto, o livro aponta uma dificuldade do circo itinerante e como a tecnologia, o cinema, a TV e a internet tem transformado o circo em um entretenimento menor, segundo o depoimento do italiano Leo Bassi, um bufão⁴.

O capítulo traz à tona um circo de Brasília, o Circo Teatro Artetude, que ronda cidades do interior de Goiás em um pequeno caminhão levando comicidade, acrobacias, equilibrismo,

⁴ Bufão: personagem cômico da idade média que provoca a plateia existente na tradição do circo e do teatro popular (THEBAS, 2005)

brincadeiras de roda e malabares entre outros números circenses (AZOUBEL et al., 2016, p.45-46).

Outro tema mencionando dentro desse tópico é *Circo, educação e cidadania* que aborda a questão do Circo Social no Brasil, já presente em diversos países, que tem como objetivo o desenvolvimento pedagógico por meio da arte e o relacionamento com diversas áreas artísticas. Neste projeto os alunos têm acompanhamento pedagógico que visa à permanência no sistema formal de ensino e as criações artísticas, montagens e práticas pedagógicas podem chegar a serem inseridas no mercado cultural, o que leva o aluno a ter maior consciência da profissão artista (AZOUBEL et al., 2016, p.47).

Na Unidade 3, a abordagem baseia-se na cidade como elemento principal para experimentação, criação e fruição das artes. Desse modo, o Capítulo 11 *Teatro e cidade* aborda o tema *O circo, a rua e a família* lembrando o fato do circo tradicional ser ligado à família e ser itinerante, montando a lona em diferentes espaços da cidade por onde vão.

O circo foi se adaptando à contemporaneidade, influenciando e sendo influenciado pelas outras artes, não sendo restrito a apenas a lona tradicional, mas tendo como local de apresentação edifícios teatrais na rua e demais localidades. Com isso, a estrutura de pessoas das companhias circenses não se restringem apenas à família, ou seja, as companhias são compostas por pessoas formadas em escolas, como a Escola Nacional de Circo, no Rio de Janeiro. Há outras companhias que mantêm a estrutura familiar com uma formação técnica e artística, por exemplo, a Cia. Carroça de Mamulengos que mesclam técnicas circenses, teatro de formas animadas, música e contação de histórias, sendo itinerante viajando por todo o Brasil (AZOUBEL et al., 2016, p.177).

Por fim, dentro deste capítulo referente à temática circo, o livro propõe para que os alunos perguntem para uma pessoa que tenha sido jovem no século XX como era o circo na época e escrevam a história para compartilhar com os colegas de turma. Em seguida, o aluno deve compartilhar como ele percebe o circo. A atividade gera uma reflexão da transformação a partir da contemporaneidade e, para finalizar, sugere a leitura do livro “O circo no Brasil” escrito por Antonio Torres.

2.3 O CIRCO, O CURRÍCULO EM MOVIMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA DO ENSINO MÉDIO E O LIVRO DIDÁTICO

O circo torna-se uma arte que copia, incorpora, adapta, cria, se apropria das experiências vividas, transformando-se em produtor e divulgador dos diversos

processos culturais já presentes ou que emergiram nesta época. (DUPRAT, 2017, p. 38-39).

Os conteúdos propostos pelo Currículo em Movimento da Educação Básica do Ensino Médio e o livro didático *Arte de Perto* são conteúdos interligados que reforçam a ideia da Pedagogia de Multiletramentos e que ao mesmo tempo trabalham com a abordagem de aprendizagem proposta pela pesquisadora Ana Mae Barbosa (1991) quando menciona atividades que se referem ao “fazer”, “apreciar” e “contextualizar”. Tanto o livro didático quanto o Currículo em Movimento trazem a ideia de um conhecimento múltiplo, interligado, tanto que o livro didático inicia explicando sobre zonas de contato da matemática como um conhecimento ligado a outro e como eles se completam. O Currículo em Movimento também reforça a questão da globalização e como os conhecimentos na sociedade contemporânea vêm se transformando com o avanço tecnológico, fazendo com que as pessoas consigam manifestar suas ideias, culturas, o que permite às sociedades se tornarem multiculturais.

Observamos que o livro didático demonstra o quanto a frequência do público no circo tradicional tem caído devido ao advento da internet e do cinema, o circo tornou-se um entretenimento menor, segundo Leo Bassi. No entanto, o conhecimento do circo se tornou mais acessível com as escolas de circo, circo social e etc. Antes, esse conhecimento do fazer circense era parte da família ou por vezes considerado restrito, quando nos referimos ao circo tradicional, mas foi se modificando com o tempo tanto que umas das propostas de ensino dentro das artes pelo livro didático é referente ao circo trazendo à tona a questão da tradição, da transformação através do tempo, das influências de outras artes, dos principais artistas circenses do estado e do país, o que condiz com o Currículo em Movimento quando este refere-se às práticas circenses e demais propostas que são interligadas ao conhecimento escolar.

O ensino do circo na escola permite ao aluno ter consciência do “fazer” circense e não apenas do “fazer”. Também forma público levando o aluno a apreciar a arte circense e, com isso, aprender a contextualizá-la. Um facilitador (professor) que tenha conhecimento sobre circo pode ser a pessoa que propicie ao aluno um contato mais próximo com essa linguagem, o professor pode levar os alunos até o circo por meio de passeios culturais propostos pela escola ou trazendo o circo até a escola. Consideramos essas ações como o “apreciar” e o “contextualizar”. Mas nada impede desse professor trazer o “fazer” para a sala de aula também, utilizando por exemplo das técnicas de clown que não exigem tantos equipamentos de segurança ou materiais. O que leva a trabalhar e estudar a noção de tempo, espaço, ritmo, relação público e plateia, abrangendo o que o Currículo em Movimento propõe.

3 A ESCOLA E O CIRCO

3.1 DUPRAT: A APLICAÇÃO DO ENSINO CIRCENSE NA ESCOLA

De acordo com Duprat (2017), as possibilidades de aplicação do ensino de circo na escola têm a ver com a infraestrutura, a condição dos alunos, a formação do professor e a segurança da atividade. Com isso, criou uma organização das modalidades circenses cuja adequação é especificamente pedagógica para o âmbito escolar:

Unidades didático-pedagógicas	Blocos temáticos	Modalidades Circenses
Acrobacias	Aéreas	Trapézio Fixo; Tecido; Lira; Corda.
	Solo/Equilíbrios Acrobáticos	De chão (solo); Paradismo (chão e mão-jotas); Poses Acrobáticas em Duplas; Trios e Grupo.
	Trampolinismo	Trampolim Acrobático; Mini-tramp; Maca Russa.
Manipulações	De Objetos	Malabarismo.
		Prestidigitação e pequenas mágicas.
Equilíbrios	Funambulescos	Perna de pau; Monociclo; Arame; Corda Bamba; Rolo Americano (rola-rola).
Encenação	Expressão corporal	Elementos das artes cênicas, dança, mímica e música.
	Palhaço	Diferentes técnicas e estilos.

Quadro 1 - Classificação das modalidades circenses unidades didáticas - pedagógicas. Fonte: DUPRAT (2017)

Duprat (2017) afirma que, de modo geral, as modalidades que são mais aplicáveis nas escolas de ensino regular são as que não envolvem materiais de grande porte⁵ ou de porte médio. Ou seja, as modalidades mais viáveis são as modalidades com materiais de tamanho pequeno e modalidades sem materiais (corporais). Sendo que os materiais de grande e médio porte poderiam ser utilizados em aulas extracurriculares de acordo com a infraestrutura da escola e os equipamentos de segurança.

⁵ quando nos referimos aos materiais para acrobacias aéreas estamos nos referindo a um material de grande porte, por exemplo.

Um dos processos de ensino e aprendizagem pode surgir por meio dos jogos circenses fazendo com que o aluno não fique voltado apenas para a realização técnica da modalidade mais que acione a criatividade e a partir dessa expanda a sua expressão corporal.. Com isso, há uma proposta de modelo de jogos circenses que viabiliza uma organização de estrutura didático-pedagógica para a realização das atividades (DUPRAT, 2017):

Denominação		Idade recomendada	
Espaço requerido		Numero de participantes	
Duração		Nível de dificuldade	
Material necessário			
Descrição inicial (regras e procedimentos do jogo)			
Variações			
Medidas de segurança			

Quadro 2 - Modelo de jogo circense. Fonte: DUPRAT (2017)

Dessa forma, passamos para as unidades didático-pedagógicas em que há uma abordagem teórico-prática e que o professor como um facilitador deve ter conhecimento para aplicação das modalidades em sala de aula, no entanto, iremos visar nas modalidades que são mais aplicáveis ao ensino regular, sendo elas: acrobacias solo, manipulações, equilíbrios e encenação.

3.1.2 Acrobacias solo

A acrobacia é uma manifestação artística corporal do homem que pode ter tido sua origem no treinamento de guerreiros (DUPRAT, 2017, p.64).

Existem numerosos conceitos para o termo “acrobacia”, ainda que indiquem que se trata de ações motoras não naturais, normalmente complexas, que tentam competir com as leis da física que regem o movimento dos corpos, em sua maioria aprendido pelo homem com um objetivo específico e com umas características distintas das ações naturais (caminhar, sentar, correr, etc.). Ações motoras que incluem inversões e rotações em um ou mais eixos do corpo (BORTOLETO apud DUPRAT, 2017, p.64).

Essa manifestação cultural faz com que se desenvolva o domínio e controle do corpo nas ações que envolvem a força, a coordenação global e a destreza das sequências complexas. (DUPRAT, 2017, p.64)

As acrobacias em solo podem ser realizadas individualmente, em dupla, trios ou coletivamente, como por exemplo na formação de pirâmides. O princípio da acrobacia solo quando envolve parceria ou grupo é que haja portôres⁶ que servem de base para o equilíbrio dos volantes (DUPRAT, 2017).

Quando essas acrobacias são trabalhadas em grupo ou em duo, estimulam a cooperação, integração “do fazer parte” como se todos fossem um núcleo só, uma estrutura:

Com a natureza do trabalho em grupo, a acrobacia ensina os indivíduos a cooperarem uns com os outros. “Confiar em seu parceiro” é um imperativo e esta atitude conduz a uma avaliação das necessidades do outro. Quando os parceiros trabalham juntos durante algum tempo, eles passam a atuar efetivamente como uma equipe. (DUPRAT, 2017, p.67).

Exemplo de atividade que pode ser aplicada na escola:

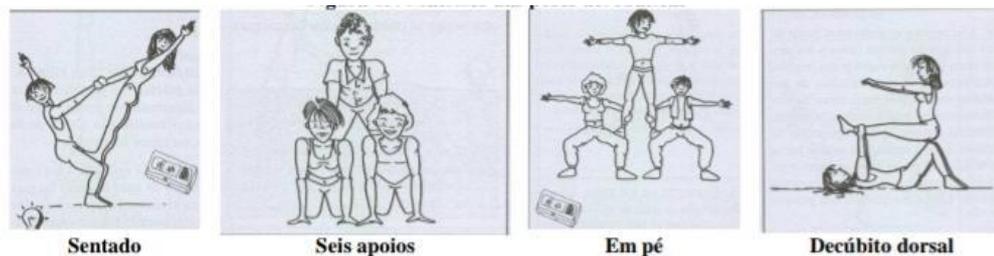


Figura 3 - Matrizes de poses acrobáticas. Fonte: DUPRAT (2017)

Durante a minha experiência de formação de artista circense, essa foi uma das modalidades que mais pratiquei por não precisar de muitos materiais de segurança, da necessidade do meu corpo presente com o corpo do outro, quando se trata de acrobacia em dupla, e de um terceiro para ser o “anjo” que fica de guardião caso tenha algum desequilíbrio durante o desenvolvimento da acrobacia, pessoa responsável pela segurança da outra. Essa modalidade para ser desenvolvida é necessário confiança em si e no outro.

3.1.3 Manipulações

⁶ Portôres são as pessoas que têm o apoio dos pés no chão como base e o volantes são pessoas que utilizam os portôres como base de apoio.

Segundo Duprat (2017) o surgimento do termo “malabares” foi tomado na costa de Malabar (na Índia), pois, as pessoas tinham muita destreza com os objetos quando os manipulavam. Há indícios que no antigo Egito já havia essa prática entre as mulheres. Em seguida, a pratica é usada entre os xamãs para atrair as pessoas, os saltimbancos também realizavam essa prática até que ela se incorpora especificamente à linguagem circense. No entanto, ela também é usada como uma atividade recreativa e educativa. Dentre as modalidades estão: malabarismo de lançamento, malabarismo de equilíbrio dinâmico, malabarismo giroscópicos e malabarismo de contato (DUPRAT,2017)

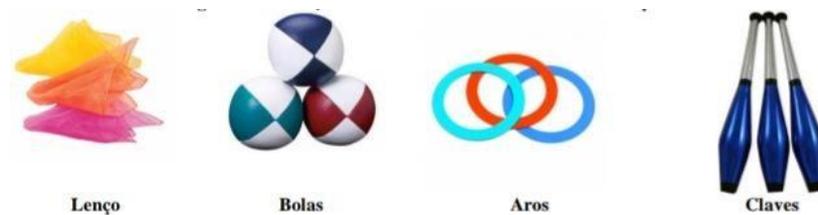


Figura 4 - Exemplo de materias de malabarismo de lançamento. Fonte : DUPRAT (2017)



Figura 6 - Exemplo de malabarismo giroscópico. Fonte: Duprat (2017)



Figura 5 - Exemplo de Malabarismo de Contato. Fonte: Escola Picadeiro (2010)

A prática de malabares estimula a coordenação motora, a noção de espaço, ritmo e sobretudo a concentração (DUPRAT, 2017). A seguir um exemplo de um jogo que pode ser aplicado, conforme o Duprat (2017):

Denominação	Quem pode mais	Idade recomendada	A partir de 5 anos
Espaço requerido	De preferência interior	Numero de participantes	De 5 a 6 participantes por grupo
Duração	Indeterminado	Nível de dificuldade	Básico
Material necessário	Um lenço (tule de 50 x 50 cm) por jogador, podendo ser substituído por saco plástico de supermercado.		
Descrição (regras e procedimentos do jogo)	O grupo formará um círculo, todos olhando para o centro. O primeiro jogador irá lançar seu lenço e fará um gesto, “cantando” a jogada. Por exemplo: Jogo o lenço e ponho a mão na cabeça. O segundo jogador, após o primeiro, deverá repetir a primeira ação e acrescentar uma outra: Jogo o lenço, ponho a mão na cabeça e dou um salto. O terceiro deve repetir os gestos do primeiro e do segundo e acrescentar um outro. Desta maneira, a brincadeira continua até que um participante não consiga mais executar as ações em seqüência ou não consiga recepcionar o lenço antes de cair no solo.		
Variações	Pode-se variar a velocidade com que os jogadores executam e repetem os movimentos. O jogador que acrescentou o gesto, “canta” sua jogada e pede a qualquer jogador da roda para ser o próximo, não respeitando uma seqüência lógica, desta forma aumenta-se o nível de atenção do grupo. A cada nova jogada acrescida, todos repetem a seqüência de movimentos. Assim, os jogadores irão participar de maneira mais efetiva.		
Medidas de segurança	Verificar a distância entre os jogadores, preocupando-se com possíveis choques entre eles.		

Quadro 3 - Jogo circense de malabares de lançamentos. Fonte: DUPRAT (2017)

Desenvolvi algo semelhante a esse jogo durante a minha apresentação no espetáculo circense *Flores do Cerrado*, no Espaço Pé Direito em 2018, em que eu e a minha parceira de cena Taís Aragão, passamos o lenço inicialmente próximas e depois jogamos o lenço uma para a outra enquanto estávamos realizando acrobacias no trapézio, ou seja, durante acrobacia aérea ainda nos preocupávamos com o tempo do lenço vindo em nossa direção, exigindo concentração.

3.1.4 Prestidigitação

Prestidigitação (ou simplesmente mágica) é um número de ilusionismo que por certo tempo foi tido como bruxaria. O que levou a diferenciação das práticas de mágicas e bruxaria foi um livro escrito por Reginald Scot, cujo o título é *The Discovery of Witchcraft* (A Descoberta da Bruxaria, em tradução livre), em meados do século XVI. (Duprat, 2017, p.78)

Em 1948, é fundada a Federação Internacional de Sociedades Mágicas, reunindo os mágicos da Europa e, desse modo, inicia-se a convenções de 3 em 3 anos na Lausanne (Suíça). Nesses encontros acontecem concursos das mais diferentes categorias de mágica. (Duprat, 2017, p.79)

Exemplo de jogos que podem ser aplicados em sala de aula, conforme DUPRAT(2017):

Denominação	Copo Circense	Idade recomendada	Não identificada
Espaço requerido	Interno ou externo	Numero de participantes	Mínimo um
Duração	Indefinida	Nível de dificuldade	Básico
Material necessário	Um copo plástico não transparente. Um prato descartável		
Preparação	Corte o anel ao meio, você usará na verdade meio anel. Quanto mais bonito, mais enfeitado o anel, melhor para prender a atenção da platéia.		
Apresentação	<ol style="list-style-type: none"> 1. Mostre o copo e o prato. 2. Pergunte se é possível equilibrar este copo na borda do prato. 3. Diga que com a mágica tudo fica mais fácil. 4. Segure o prato por trás mostrando os dedos menos o polegar. 5. Vire as costas do prato para a platéia. Atenção: O polegar deve estar junto dos outros dedos. 6. Vire a frente do prato para a platéia. 7. Coloque o copo sobre a borda do copo e sem que ninguém perceba, levante o dedo polegar, apoiando o fundo do copo. 8. Diga uma palavra mágica e solte o copo. Atenção: Equilibre o copo antes de soltá-lo. 9. A mágica equilibrará o copo na borda do copo. <p>DICA: Atenção quando se apresentar. Faça tudo com calma, sem pressa e sempre treine.</p>		
Ilustração			

Quadro 4 - Jogo Circense de prestidigitação. Fonte: TV Cultura apud DUPRAT (2017)

Esse número é de fácil aprendizagem precisa apenas de treino para ser aplicado e com material de baixo custo o que facilita a realização do mesmo.

3.1.5 Equilíbrios

São atividades que estão intimamente ligadas à manutenção do corpo em equilíbrio (estático ou dinâmico) sobre algum objeto (Duprat, 2017, p.80).

Dentre as atividades que envolvem o equilíbrio estão:

- Funambulismo ou corda bamba: uma pessoa tenta se equilibrar em uma corda esticada com certa altura do chão.
- Perna-de-pau: a pessoa utiliza do suporte da perna-de-pau encaixada e amarrada dos pés a canela, a fim de que seja possível manter-se em pé. O malabarismo ocorre na situação de equilíbrio ao andar.
- Rola-bola ou rolo americano: composto por um cilindro (rolo) solto e uma tábua por cima, a pessoa tenta manter-se em pé na tábua enquanto o cilindro desliza.



Figura 7: Exemplos de Equilíbrios . Fonte: DUPRAT (2017)

A corda bamba, por exemplo, pode ser aplicada utilizando *slackline*, que se trata de uma corda elástica esticada entre dois pontos fixos na qual os alunos, podem tentar se equilibrar não necessitando de uma grande altura para realização dessa prática.

3.1.6 Encenação

A expressão corporal está intrinsecamente ligada às manifestações artísticas. O circo como um antropofágico vai comendo e absorvendo as inovações e tecnologias ao longo do tempo para implementar o espetáculo, desse modo, o teatro não estaria de fora da linguagem circense(DUPRAT,2017). Dentre as linguagens que levam à interpretação, menciono a pantomina e a mímica.

A pantomima utiliza mais gesto e o desenho gestual como possibilidade de expressão, geralmente, os artistas estão com o rosto branco e de luvas brancas. Já a mímica utiliza do corpo todo como veículo de expressão. (DUPRAT, 2017, p.83).

A seguir um exemplo de jogo que pode ser aplicado para o desenvolvimento da expressão corporal com os alunos, segundo DUPRAT (2017):

Denominação	Jogo das Mascaras (mimetismo)	Idade recomendada	A partir de 9 anos
Espaço requerido	De preferência interno com pouca movimentação externa a classe	Numero de participantes	Limitado pelo espaço
Duração	Indefinida	Nível de dificuldade	indeterminado
Material necessário	Nenhum material específico.		
Descrição inicial (regras e procedimentos do jogo)	Consiste em ir mudando a interpretação segundo a mascara fictícia que os jogadores colocam na frente do rosto. Recomenda-se a prática diante de um espelho para que se possa desenvolver a auto-regulação das expressões desejadas.		
Variações			
Medidas de segurança	Mínimas medidas de segurança.		

Quadro 5 - Exemplo de jogo de mímica. Fonte: Duprat (2017)

O *clown*, que já foi mencionado anteriormente, entra na categoria de encenação, tendo três tipos de palhaço que são mais frequentes nas apresentações sendo eles, conforme Duprat (2017) e Lecoq (2010):

Branco: geralmente é o palhaço encrenqueiro, esperto e simboliza o poder e a hierarquia.

Augusto: palhaço leigo que aparenta ser submisso ao branco.

Bufão: tendem a caricaturar o mundo como dele, enfatizando o que há de mais grotesco no poder e nas hierarquias.

Segundo Lecoq (2010), o *clown* tem a liberdade de fazer rir, mostrando-se como é, em sua solidão.

3.2 O CIRCO, O ENSINO E OS DOCENTES

Nesta seção relato um pouco da minha experiência como estagiária em uma escola pública do Distrito Federal com foco nas entrevistas e perspectivas dos docentes a respeito do ensino do circo na escola. Foram entrevistados um vice-diretor, uma professora de Artes Cênicas e um professor de Educação Física, as entrevistas foram gravadas e transcritas as mesmas podem ser vistas na íntegra nos apêndices 1,2 e 3.

Sobre o tema arte, o vice-diretor revela ser apenas um apreciador, não tem um conhecimento profundo, mas admira. Enquanto ele falava sobre esse apreço, apontava para os quadros na sala da direção, onde estava sendo realizada a entrevista. A obras foram feitas pelos alunos. Aproveitei para começar a indagar sobre a minha pesquisa do ensino do circo na escola, o mesmo revelou ter apreço também por essa linguagem artística, porém demonstrou repulsa para com os circos que tinham animais em seus espetáculos. Já o ensino do circo na escola, ele colocou uma questão, uma dúvida de que se há professores realmente capacitados para o ensino do circo, para essa linguagem artística:

Eu não vejo problema, não! Eu acho que se a gente tiver profissionais que sejam capazes de falar sobre isso, não vejo problema! Agora, a gente tem profissionais capacitados para falar disso? Né?! Os professores que estão em sala de aula hoje, eles têm esse conhecimento? Ou o conhecimento deles é parecido com o meu: só, assim, de longe? Porque uma coisa é você ter um conhecimento, assim, só de... e outra coisa é você estudar sobre o assunto! Então, talvez fosse interessante primeiro a gente ter profissionais capacitados para fazer esse tipo de trabalho! Mas, eu não vejo... eu não tenho nada contra, não! Tá bom?! (Luiz, 2018, apêndice 2).

Desse ponto de partida, desloco-me para a sala de aula, a sala de artes. Durante as observações, percebi quanto os alunos se concentram e tendem a ser mais entregues às atividades quando elas são práticas. As atividades demasiadamente teóricas, sem a *práxis*, faz com que os alunos fiquem mais dispersos. Não há resultados diferentes, algo que os impulse a querer aprender, quando as atividades se tornam monótonas. Os alunos normamente chegam à sala de aula, sentam, copiam e mostram o caderno, recebem o visto, fazem provas e recebem as notas. Mas, quando a professora propõe algo diferente, uma atividade prática, é visível a mudança nos alunos, é como se reavivassem. No meu segundo dia de observação, uma aluna me pediu para não fazer os meus alunos (no caso, futuros alunos) copiarem texto.

No entanto, as aulas tendem a seguir mais esse modelo tradicional de sentar, copiar e fazer a prova escrita. Dificilmente o professor trabalha com aulas dinâmicas, atividades práticas, que levem os alunos a sentir, a desenvolver o tato, o olfato, o paladar, a visão por meio da experiência. O relato da aluna demonstra a falta da experiência, do sentir, do fazer, da prática. Esse modelo de ensino voltado para a *práxis* faz com que se desenvolva muito mais o interesse do aluno se comparado ao modelo tradicional.

Durante a entrevista da professora de Artes, a profissional demonstra que não tem um apoio da Secretaria da Educação, em questão de aperfeiçoamento profissional / formação continuada e que, às vezes, são propostas atividades que não dialogam com a realidade do ensino, em questão de recursos. No entanto, quando ela se refere à equipe pedagógica da própria

escola demonstra mais leveza ao se tratar do ensino. Também relatou que utiliza o Currículo em Movimento para planejar as suas aulas, sempre usando conteúdos que ela mais se identifica para aplicar em sala de aula.

A partir destes fatos, entrei em uma reflexão “do fazer” em sala, porque observar é fazer, ouvir é fazer, tudo em plena ação. Mas essa ação é consciente? Inconsciente? Durante as observações percebi muita dispersão dos alunos no celular, conversas paralelas enquanto a professora explica ou passa um exercício, em uma das aulas enquanto a professora explicava o exercício, algumas alunas tiravam *selfie*, o que ocasionou uma bronca por parte da professora. Já quando se tratava de uma atividade fora de rotina, assistir filme ou desenhar, os alunos apresentavam uma atenção voltada para o exercício.

O Currículo em Movimento do Ensino Médio citado pela professora menciona sobre o ensino de técnicas básicas de circo, o livro utilizado em sala de aula *Arte de Perto*, que é fornecido pelo governo aborda alguns conhecimentos sobre circo. Quanto a esse conteúdo, a professora de artes relata que não aborda a temática em sala de aula:

Só que é meio inviável conseguir trabalhar circo dentro da escola: primeiro, porque a gente não tem quase formação, né?!... dentro da universidade; segundo, a questão de espaço! É uma pena! Dá para trabalhar o básico, né?! Ensinar a fazer uns malabares; é... botar uns colchonetes e ensinar fazer alguma... só uns????... algumas coisas, mas... (Angélica, 2018, apêndice 1).

Ela também relata que há anos que não vai ao circo, que é difícil ir a um espetáculo e que as apresentações com uma certa qualidade na montagem costumam ser caras:

Eu geralmente não gosto muito de ir em circos porque... Hoje nem tanto, né?! Hoje já parou com o negócio de animais em circos, né?! Mas, é uma coisa que eu vejo que sumiu muito – a cultura, né?! A gente quase não vê circo e, quando tem circo – um circo bom –, é um circo muito caro! Então... é... tem anos que eu não vou! Eu não vou, assim, a um espetáculo de circo! Mas, eu acho bem bonito! (Angélica, 2018, apêndice 1).

Aproveitei e fui entrevistar outro professor durante o intervalo, o professor de Educação Física, ele relatou não ter tantos problemas com os alunos como os outros professores têm:

Como eu tenho notado: eu recebo muitas reclamações lá no... lá no Conselho de Classe, ou na reunião aqui na Coordenação, de alguns alunos! Só que, comigo, esses alunos são muito tranquilos! Entendeu?! Nunca eu tive nenhum problema com eles! Eu acho que é porque é questão da matéria: eles gostam muito da minha matéria, né?! Eu acho que tem um pouco a ver com isso! (Wemyson, 2018, apêndice 3).

Seria a questão da prática? Seria o fazer algo além do teórico? O papel da escrita é importante para o desenvolvimento cognitivo, a leitura também. Mas, vamos mais longe... o sentir de onde iria vir senão por uma aproximação da prática seja no “ver” ou no “fazer”? Como

desenvolver o sentido a respeito de algo sem ter a mínima aproximação? Como está sendo estimulado o desejo de aprender em sala de aula? Como estimular? Por que os alunos demonstram gostar mais de atividades práticas? Por que os outros professores reclamam como relata o professor de Educação Física?

No Projeto Político Pedagógico(PPP) (2017) da escola é abordado a questão da prática. Os professores assumem que ainda estão caminhando para alcançar a relação teoria-prática como objetivo. Ou seja, há uma tentativa de transformar esse formato de educação, pois, até as Diretrizes de Avaliação Educacional do DF, segundo o PPP, já apresenta propostas de avaliações práticas, avaliação formativa, visando sair da avaliação somativa. Modelo esse que me deparei na aula de artes:

Nitidamente temos boa parte das avaliações ainda com o aspecto somativo onde as notas são dadas para as ações dos alunos como tarefas de casa, caderno, etc., mas já temos professores que adotam uma postura diferenciada e uma prática com um perfil de avaliação formativa. O objetivo é que cada um dos professores aborde essa prática. (DISTRITO FEDERAL, 2017, p.23).

O ensino do circo iria vir como uma proposta de *práxis*, envolvendo teoria-técnica-prática tendo um professor capacitado para a facilitação e aproximação dos alunos com essa linguagem artística, visto que, um dos problemas levantados pelos docentes é a falta de recursos para aplicar esse conhecimento com a devida segurança, Duprat (2017) trabalha com essa proposta de ensino no ambiente escolar, formulando adaptações das atividades e propondo modalidades que mais se encaixam nesse ambiente. Há também a proposta de aproximação da linguagem circense levando os alunos até o circo por meio de excursões escolares, ou, o circo até a escola.

4 ABRINDO OS OLHOS PARA AS POSSIBILIDADES

O livro *Circo: Horizontes Educativos* (2016), escrito por Bortoleto, Barragán e Silva vão propondo ao longo dele o ensino do circo nas escolas regulares. Mas que elementos as atividades circenses propõem para elevar o desenvolvimento dos alunos e em quais fatores?

A partir dessa pergunta a resposta poderia ser a criatividade, a coordenação motora, a noção de espaço e diversificação de ensino que a temática circo propõe. Ora, cada aluno é um mundo, um indivíduo e cada indivíduo possui suas particularidades que os levam a desenvolver habilidades com mais facilidade ou com mais dificuldade. A temática do circo como uma proposta de ensino nas Artes Cênicas tem o objetivo justamente de poder abranger os demais alunos, assim como o teatro também tem potencial para abranger as demais características únicas de cada indivíduo.

O teatro tem o mesmo potencial de fazer com que os alunos mais tímidos ou mais extrovertidos participem e desenvolvam com as diversas possibilidades: maquiagem, figurino, iluminação, sonoplastia, cenário, atuação, direção e dramaturgia. Por que apostar no circo? Pois este, além de incluir os conhecimentos enumerados, também possui outras modalidades: malabares, palhaçaria, acrobacia solo, acrobacia aérea, contorcionismo e entre outros. Atualmente as Artes Cênicas (circo, teatro e dança) têm sido cada vez mais procurada numa perspectiva de educação. Dessa forma, o que nos leva à formação e à reprodução desse ensino na escola?

[...] devemos pensar numa escola cujo objetivo seja ensinar a viver. E para isso, devemos oferecer experiências que permitam uma visão do mundo mais sensível mais corporal. Devemos substituir os dogmas tradicionais, desenvolvendo atitudes e atividades de investigação, reflexão crítica e liberdade de criação, somente assim, conseguiremos despertar a sensibilidade das crianças que um dia serão os cidadãos adultos da nossa sociedade. (BORTOLETO et al., 2016, p.135).

Desse pressuposto, por que não pensar na linguagem do circo como uma possibilidade de expandir a linguagem corporal, de forma que os alunos percebam o seu corpo, utilizando-o como meio de expressão e, mais do que isso, reconhecendo os seus limites corporais?

A conscientização do corpo, de seus limites e de suas potencialidades, dá abertura para o aluno refletir sobre suas vivências corpóreas. A intenção é promover o desenvolvimento, a sensibilidade e a escuta corporal. Dentro desse parâmetro o circo é uma excelente modalidade para desenvolver a consciência corporal, a ideia de espaço e tempo – o que ocasiona o ritmo –

contexto em que se pode inserir a expressão corporal, o uso de cenas, a construção de uma história para envolver o público.

Mas essa perspectiva voltada para o corpo, com suas facilidades e suas limitações propondo desafios, não seria mais voltada para a disciplina de Educação Física do que para a disciplina de Artes? Sim e não, pois, um dos temas que o livro *Circo: Horizontes Educativos* (2016) propõem é exatamente a questão da formação dos docentes circenses. Esses profissionais são oriundos da faculdade de Educação Física, licenciatura em Dança, Artes Cênicas, entre outras formações.

A partir da experiência do contato com “o novo”, com “o lúdico” o aluno vai tender a desenvolver a imaginação tendo como suporte e auxílio um mediador/professor, responsável por facilitar o conteúdo e o desenvolvimento da aprendizagem. A aprendizagem neste contexto está relacionada com o conhecimento/entendimento do corpo, da fala, do ritmo, do espaço, do tempo e até mesmo das temáticas que podem ser propostas ao longo do seu desenvolvimento, levando o aluno à reflexão, estimulando seu senso crítico e autonomia.

Mas, obviamente, o espaço da aprendizagem não está somente no “fazer” e sim, também, no “observar”, no “prestigiar”, no “contextualizar”, “refletir” sobre as vivências sejam elas vistas, ouvidas ou sentidas. Instigando a ideia de ocupar os espaços dentro da escola, sair da sala de aula e vivenciar o mundo, observá-lo e refletir, aliás, a aprendizagem não se limita à sala de aula, à escola, está além disso. Por que não apreciar um espetáculo ou ir a exposições? Essa mesma proposta é feita pela escritora Ana Mae Barbosa(2010) que tem como metodologia de ensino a abordagem “Apreciar/Fazer/Contextualizar”. O “apreciar” seria ver, assistir, analisar o processo de se tornar um espectador. O “fazer” é a aplicação de técnicas do desenvolvimento prático da proposta das atividades. O “contextualizar” é um processo do desenvolvimento do senso crítico, é a reflexão daquilo que se viu, ouviu ou fez (HARTMANN; VELOSO, 2016).

Consideramos que o circo também não se limita a uma tenda de lona, a arte circense se encontra em um semáforo, no teatro, em um parque, entre outros locais. Assim é possível perceber que a arte se transforma, é inquieta e não se limita. O que esperar do circo que busca o desafio de extravasar os seus limites, os limites que tantos alunos se restringem. Com certeza, não devemos esperar uma limitação do espaço onde a arte acontece, pois, o circo é risco, risco que propõem o desafio seja ele de espaço, seja ele corporal, a fim de obter uma consciência de espaço e de corpo. No trabalho de conclusão de curso escrito por Campos (2017), o pesquisador afirma o risco presente na arte circense:

O Risco aqui referido é aquele que reflete a escolha consciente do intérprete para a criação de sua cena ou do seu personagem. Abordo a possibilidade de escolha do artista que opta por se apresentar com demonstrações que lhe oferecem perigo, colocando o seu corpo em risco para levar ao público mensagens e discursos por meio de pesquisas, ensaios e treinos ganham vida nos palcos. (CAMPOS, p.23-24, 2017).

Desse modo, incentivar os alunos observarem além dos muros da escola é estimular “o sensorial”, “o apreciar” e contextualizá-los à realidade, o que leva à reflexão e ao senso crítico. O aluno deve ter olhos curiosos para a aprendizagem, percebendo o mundo e se percebendo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta pesquisa, verifico que é possível a aplicação do ensino circense na escola. O Governo do Distrito Federal propõe as técnicas básicas circenses com o Currículo em Movimento do Ensino Médio (2013) e fornece o livro *Arte de Perto* (2016) para as escolas públicas que abrangem a linguagem circense. O material serve como base de apoio tanto para professores quanto para alunos, no entanto é preciso constatar se o professor está capacitado para a aplicabilidade prática da Arte Circense.

Para a aplicação prática, é importante que o professor tenha um conhecimento básico para conseguir fazer as adaptações necessárias de acordo com o ambiente de ensino e sua proposta pedagógica, conforme a professora de Artes e o vice-diretor relatam e questionam quanto à formação e conhecimento da área de circo.

Uma possível resolução para tal contexto seria a inserção do conteúdo circense na grade curricular dos cursos de ensino superior correlacionados ao circo (Artes Cênicas, Educação Física e Dança, por exemplo). Em relação ao contexto escolar, há outras formas de intermediar esse conteúdo, como levar os alunos para assistir a espetáculos ou trazer o circo até a escola, ou seja, o professor pode fazer uma breve abordagem sobre o circo e ser ponte para diálogo, gerando uma teia de conhecimento, não dependendo apenas da abordagem prática/fazer, mas estimular “o apreciar” e gerar reflexão crítica sobre o conteúdo proposto. Com isso, percebe-se que os pontos principais desse trabalho e as suas possibilidades são relacionadas a formação, material, adaptação, reflexão crítica e formação de público.

Esse trabalho me serve como base de apoio para o desenvolvimento das minhas aulas futuras. A princípio foi isso que me instigou durante o processo da pesquisa, agora reconheço esta monografia como uma ponte para o meu avanço profissional no ensino circense.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Joana. **Texto Base -Pedagogia do Teatro 1**. Apostila UAB/UnB. Brasília, [20--?].
- AZOBEL, Juliana; MUNIZ, Mariana Lima; ROCHA, Maurílio Andrade; VIVAS, Rodrigo. **Arte de Perto**. Volume único. Editora: Leya, 2016.
- ANDRÉ, Marli. **Etnografia da Prática Escolar**. São Paulo, Papirus, 2012.
- BARBOSA, Ana Mae e CUNHA, Fernanda Pereira da (Orgs.). **Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.
- BENNET, Livia. Espetáculo "Flores do Cerrado", ano de 2018, no trapézio Nanda Gabisflor (Fernanda Gabriela). 2018.
- BORTOLETO, Marco; BARRAGÁN, Tereza; SILVA, Ermínia. **Circo: Horizontes Educativos**. Campinas, SP: Autores Associados, 2016.
- CAMPOS, Nickolas. **Risco, Trupe e Criação: uma reflexão sobre processos criativos embasados em práticas de risco**. Trabalho de Conclusão de Curso para Licenciatura em Artes Cênicas – Instituto de Artes, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.
- CIRCO CONTEÚDO. **Circo Conteúdo**, 2019. Disponível em: <https://www.circonteudo.com>. Acesso em: 9 set. 2019.
- DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. **Currículo em Movimento da Educação Básica – Ensino Médio**. Brasília: GDF/SEE, 2013.
- DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação Coordenação Regional de Ensino de Santa Maria. **Projeto Político Pedagógico CED 310 de Santa Maria**. Brasília: GDF/SEE, 2017.
- DUPRAT, Rodrigo. **Atividades Circenses: possibilidades e perspectivas para a educação física escolar**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.
- ESCOLA DE PICADEIRO. **Exemplo de Malabarismo de Contato**. 2010. Disponível em: <<https://escolapicadeiro.files.wordpress.com/2010/11/imagescamddm6c.jpg>>. Acesso em: 9 set. 2019.
- FÁVERO, Maria Helena. **Psicologia e conhecimento: subsídios da psicologia do desenvolvimento para análise de ensinar e aprender**. Brasília: Editora, Universidade de Brasília, 2014.
- HARTMANN, Luciana; VELOSO, Graça. **O teatro e suas pedagogias: práticas e reflexões**. Brasília: Universidade de Brasília, 2016.

LECOQ, Jacques. **O corpo poético: Uma pedagogia da criação teatral**. São Paulo: Editora SESCSP, 2010. Tradução de Marcelo Gomes.

RABÊLO, Ana Tereza Desterro; RIBEIRO, Tânia Cristina Costa. **Módulo 17: Estágio Supervisionado em Teatro**. Brasília, 2013.

THEBAS, Claudio. **O Livro do Palhaço**. Editora: Companhia das Letrinhas, 2005.

APÊNDICE 1 – ÁUDIO: ENTREVISTA COM ANGÉLICA

Tempo: 00h07m37s

????: Trecho não identificado.

Fernanda: Aí! Assim... É só um questionarizinho que tem que cumprir *pra* ajudar e depois fazer a minha etnografia na escola! É... Seu nome? Porque aí já vai...

Angélica: Angélica.

Fernanda: Aí quando... A sua formação em Artes Cênicas e foi em que ano?

Angélica: Eu entrei em 2002 e me formei em 2006.

Fernanda: Na UnB?

Angélica: Na UnB.

Fernanda: Tem pós-graduação?

Angélica: Tenho o quê?

Fernanda: Pós-graduação?

Angélica: Não. Espera aí só um pouquinho! (INTERRUPÇÃO)

Fernanda: É... Tem pós-graduação?

Angélica: Não.

Fernanda: Há quanto tempo trabalha com a regência de Artes?

Angélica: Oito anos.

Fernanda: É... Carga horária semanal voltada para a área das Artes?

Angélica: Quarenta horas.

Fernanda: Trabalha com outra disciplina?

Angélica: Não. Ah! É... Quer dizer, *tô* com PD 2, *né?!*

Fernanda: PD 2?! (INTERRUPÇÃO)

Fernanda: Trabalha em outra escola?

Angélica: Não.

Angélica: Deus me livre! (RISOS)

Fernanda: (RISOS) Você conhece os Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino da Arte?

Angélica: Mais ou menos. Desde que eu estudo, a gente vê, a gente estuda e aí, é aquela coisa que nunca entra direito na cabeça, *né?!*

Fernanda: Como as utiliza para organizar as suas aulas?

Angélica: Como eu me organizo...

Fernanda: É.

Angélica: Ou como eu utilizo os Parâmetros?

Fernanda: Os Parâmetros.

Angélica: Na verdade, eu uso o Currículo em Movimento *pra* planejar as minhas aulas!

Fernanda: Como que você organiza?

Angélica: São... É... Um... Um Currículo novo – eu acho que tem uns dois anos que eles fizeram –, que é uma base, *né?!... ????* aquela base curricular nacional! E aí vem as disciplinas, o que que entra dentro de cada disciplina e os conteúdos que a gente tem que trabalhar!

Fernanda: Você conhece ou utiliza algum outro referencial estadual ou municipal... ou municipal voltado para o ensino da Arte?

Angélica: Não.

Fernanda: Hum! Com qual série e conteúdo você mais se identifica?

Angélica: Eu gosto muito de trabalhar com o terceiro ano a parte de teatro brasileiro e vanguardas artísticas dentro das artes plásticas! É... Dadaísmo, Expressionismo, Surrealismo...

Fernanda: É... Desenvolve... Desenvolve projetos em conjunto com outros professores?

Angélica: Sim! Geralmente quando tem projeto da escola, *né?!* Feira Cultural, Feira do Conhecimento... Aí, a gente faz!

Fernanda: Você participa de projetos ou grupos de estudo fora ou dentro da escola?

Angélica: Não.

Fernanda: Como você se atualiza profissionalmente?

Angélica: Como eu me atualizo?

Fernanda: É.

Angélica: No momento, de forma nenhuma! Só lendo!

Fernanda: Você tem produção no campo das Artes? Em que linguagem?

Angélica: Não tenho! Já tive, mas hoje eu não tenho mais!

Fernanda: A equipe pedagógica verifica o cumprimento dos conteúdos *?????*

Angélica: Hum! Não exatamente! Eles cobram plano de ensino... tudo... Eles... Assim... Eles verificam no sentido, por exemplo, quando tem o projeto Sarau, *né?!... voltado pras obras do PAS, tudo... Mas só dessa maneira assim! Às vezes, deixa a gente mais livre! É um pouco mais superficial essa cobrança! Não é como se fosse numa escola particular, que eles estão ali em cima o tempo todo, pra ver se você realmente tá dando aquilo, né?!* Aqui é mais tranquilo!

Fernanda: Que tipo de trabalho a Secretaria de Educação vem fazendo com os professores?

Angélica: O pior de todos! (RISOS)

Fernanda: (RISOS)

Angélica: Ai, gente! A Secretaria de Educação é só cobrança! Só cobrança! É projeto... São projetos mirabolantes! Coisas, assim, que você: “Oh! Meu Deus! Como é que eu vou fazer isso!” Tipo: coisas que você imagina que são pensadas por uma pessoa que nunca esteve dentro de uma sala de aula!

(INTERRUPÇÃO)

Fernanda: Como você caracteriza a relação entre sua escola e a Secretaria de Educação?

Angélica: Ah! Isso aí, eu não... Eu acho que eu não tenho muito o que falar, porque isso eu acho que é mais a nível de Direção, *né?! Mas, eu acho que é bom!*

Fernanda: É... E o que você pensa sobre o circo?

Angélica: Eu particularmente não conheço os circos direito; é... não tenho uma opinião, assim, formada, mas, pelo pouco que eu já ouvi, não acho que seja tão interessante! Eu só, digamos assim, sou uma pouco mais ortodoxa! Sou contra de passar um aluno que não sabe das coisas! E o circo, pelo que tem falado... se falado, *né?!... eu ainda não peguei pra ver, de fato, mas, pelo que se tem falado, é que você vai... séries... determinadas séries, você não pode reprovar o menino, sabendo ele ou não o conteúdo! Então,*

Fernanda: ???? ciclo na... na escola, *né?!... que você pensa?*

Angélica: Ciclos?!

Fernanda: Circo. Na escola.

Angélica: Ah! Você *tá* falando de... **Fernanda:** A... Isso!

Angélica: Entendi que era *pra* falar dos ciclos!

Fernanda: Ciclos! **Angélica:** (RISOS)

Fernanda: Entendi.

Angélica: Não. Circo? Ai, gente!

Fernanda: É.

Angélica: Eu acho circo tudo de bom!

Fernanda: Assim...

Angélica: Só que é meio inviável conseguir trabalhar circo dentro da escola: primeiro, porque a gente não tem quase formação, *né?!... dentro da universidade; segundo, a questão de espaço! É uma pena! Dá pra trabalhar o básico, né?! Ensinar a fazer uns malabares; é... botar uns colchonetes e ensinar fazer alguma... só uns ????... algumas coisas, mas...*

Fernanda: E... E ele fora da escola? O circo mesmo? Os espetáculos?

Angélica: Eu geralmente não gosto muito de ir em circos porque... Hoje nem tanto, *né?!* Hoje já parou com o negócio de animais em circos, *né?!* Mas, é uma coisa que eu vejo que sumiu muito – a cultura, *né?!* A gente quase não vê circo e, quando tem circo – um circo bom –, é um circo muito caro! Então... é... tem anos que eu não vou! Eu não vou, assim, a um espetáculo de circo! Mas, eu acho bem bonito!

Fernanda: É isso! Obrigada!

Angélica: De nada!

APÊNDICE 2 – ÁUDIO: ENTREVISTA COM LUIZ

Tempo: 00h12m18s

????: Trecho não identificado.

Fernanda: ???? aqui, então... é... é que essas perguntas são *pra* Direção ou Coordenação, *né?*!

Luiz: Aham!

Fernanda: ????... Então... Com a sua experiência profissional, o que é a educação para você?

(INTERRUPÇÃO)

Luiz: Hum! Essas perguntas difíceis de responder, *né?*! (RISOS) Então, vamos lá! Olha! Educação, *pra* mim, é esse momento em que você aprende um pouco das coisas que a... a... a humanidade acumulou de conhecimento aí ao longo do tempo, das diversas áreas de conhecimento, e também de coisas que você pode utilizar no seu... no seu cotidiano, na sua... na sua vida – como você lidar com uma coisa, com outra! Sei lá! Educação é esse conjunto!

Fernanda: É... Como você ve o papel que a escola vem desempenhando?

Luiz: Olha! Nós... Particularmente, eu acho que nós estamos desempenhando o papel razoavelmente bem! A gente tem problemas? Tem! A gente tem muitos problemas, mas, a gente também tem muita coisa que a gente consegue fazer legal, alcançar ali os meninos que... que... que... que tem dificuldade, que... E a gente... Penso que a gente *tá* sim fazendo um... um bom trabalho, *né?*!... de... de orientação! Inclusive, o lema da escola é: “Orientando caminhos”. E a gente... Eu penso que a gente *tá* sim fazendo um bom trabalho de... de orientação dos meninos, fora a parte mesmo de conhecimento, *né?*!... que os professores trabalham com... com os alunos!

Fernanda: O que é mais fácil e o que é mais difícil de enfrentar no dia a dia escolar?

Luiz: Olha! Eu não sei se tem alguma coisa que seja fácil! Eu não sei se tem alguma coisa que seja fácil! É... Uma parte que eu penso que seja particularmente difícil é... é... são os problemas que os alunos, às vezes, trazem *pra* escola e que não são necessariamente ligado à... à... à ele ter acesso ao conhecimento! É coisa... é... envolvendo drogas, envolvendo... é... eventualmente abuso, envolvendo coisas assim que... que acaba interferindo com o... o dia a dia da escola, mas que não é necessariamente ali do Português, da Matemática, da História, da Geografia! Então, *pra* mim, isso é o... o mais difícil! É... Eu acho que o mais... o mais fácil... O que que seria? Ministrando uma aula *pra* uma turma interessada seria um negócio fácil! Porque todo mundo que está na escola gosta de – penso eu, *né?*!... que gosta ali de... da questão do ensino. Às vezes, a gente não gosta de corrigir prova de... essa parte de... de escrever

diário e tal; mas, ali, ensinar e explicar e contar como é que é isso, como é que é aquilo, eu acho que todo mundo gosta; eu acho que essa aí seria a parte mais fácil!

Fernanda: Aham! Qual é a sua avaliação sobre essa escola? Quais são os pontos positivos e negativos dessa escola?

Luiz: Ah! Eu acho essa escola... É... Você tá perguntando *pra* alguém, assim...

Fernanda: (RISOS)

Luiz: É pouco... Essa pergunta... Como é que é? É uma pergunta retórica, *né?!* Eu acho essa escola nota 10, assim! Como eu te falei: a gente tem problemas? Tem! A gente tem uma porção de problemas, mas, ano após ano, a gente vem melhorando, a gente vem... é... resolvendo esses problemas que vão... que vem... que vem acontecendo... Eu acho que a escola é uma escola que... É... Ultimamente, ela teve várias conquistas, *né?!*... vários estudantes nossos se destacando aí... é... em vestibular, em concurso, em... Concurso que eu falo, assim: concurso de redação; concurso de pintura; concurso de... de música; concurso de... esses concursos! Então, tem vários destaques, vários expoentes aí nessa... nessa área! Então... é... a escola, *pra* mim, é nota... nota 10, assim! É... Mas, a gente tem problema? Tem. A gente ainda tem muito problema *pra* resolver, *né?!* A gente tem muitas dificuldades *pra* poder vencer! A gente tem dificuldade de... de evasão, *né?!* É... É um negócio que a gente tá trabalhando *pra* poder minimizar a... a questão da evasão escolar – isso é um problema! É... E nós também temos – eu acho que não é... não é uma coisa dessa escola; é de todas as escolas, *né?!*... é... é... alguns problemas ligados à coisas externas – como eu falei agora há pouco! É... Um que traz uma droga *pra* vender aqui na escola. É outro que... que traz um outro problema. Isso aí seria a parte... a parte ruim, *né?!*... desses outros problemas que acabam interferindo no nosso trabalho aqui! É... Mas, de um modo geral, se colocar na média aí, a gente tá mais *pra* cima do que *pra* baixo, *né?!*

Fernanda: Entendi. Se tivesse que escolher outra profissão, você escolheria ser professor? Sente dificuldades no trabalho? Quais? Como você as contorna? Por que?

Luiz: Não. Eu não entendi bem a pergunta. Se eu... Se eu fosse...

Fernanda: É... Se você...

Luiz: Escolher outra profissão que não fosse professor?

Fernanda: Não. Se você... Se você escolheria ser professor se fosse escolher?

Luiz: Você quer dizer que se eu pudesse fazer essa escolha de novo, eu escolheria ser professor?!

Fernanda: Isso!

Luiz: Ah! Sim! Não. Eu escolheria ser professor. Se eu... Se eu voltasse no tempo e aí, falasse assim: “Você... Você pode escolher a profissão que você iria querer!” Eu não teria

problema nenhum em escolher novamente ser professor! Eu gosto de ensinar. Eu não gosto de corrigir prova, mas, eu gosto de ensinar!

Fernanda: (RISOS) É... Quantos professores de Artes atuam na escola?

Luiz: Dois.

Fernanda: Como é essa relação entre a equipe pedagógica, Direção, os professores e *pai* de alunos?

Luiz: Ah! Minha relação é ótima! Eu não tenho nada que reclamar da minha relação nem com o corpo docente e nem com os pais e nem com os alunos! Assim: é... volta e meia, a gente tem que puxar a orelha de um aluno... puxa, eu digo... a... metaforicamente...

Fernanda: Aham!

Luiz: *Né?!*

Fernanda: (RISOS)

Luiz: Chamar a atenção de... de um aluno, de outro... é... que tem um problema ou outro, mas, faz parte! Eles entendem isso! Particularmente, eu não tenho problema nenhum com um dos três grupos, *né?!* Nem com professor, nem com pais e nem com alunos!

Fernanda: A equipe pedagógica organiza algum grupo de estudo com os professores de Artes e de outras disciplinas? Além dos professores, que mais participa do grupo, se tiver?

Luiz: Não. Nós não temos ainda um grupo específico *pra* Artes! O que nós temos são as reuniões semanais, *né?!*... que são as reuniões de coordenação! Aí, nas reuniões de coordenação, a gente tem aquelas áreas... aqueles dias específicos *pras* áreas, *né?!* Mas isso aí, a gente ainda vai ficar deixando a desejar ainda! Nós não estamos ainda conseguindo fazer aquele trabalho ali com os professores daquele... daquela... daquela área, *né?!* Então, isso é uma coisa que a gente tem que melhorar!

Fernanda: Entendi. O que você acha de receber estagiários?

Luiz: Não. Eu não vejo problema nenhum!

Fernanda: Aham!

Luiz: Faz parte! É... Eu penso que... é... é... é um momento que você... o... o estagiário tenha ali a oportunidade de... de ver a escola como ela é, e como é que ela funciona. E é também importante – penso eu – que ele também... Por... Por exemplo: às vezes, a gente recebe estagiário aqui na escola, o estagiário chega e fala assim: “Olha! Eu só posso... só posso... é... fazer o estágio nessa semana e na próxima semana!” Às vezes, a carga horária dele é *pra* muito mais do que isso! Então, a... a... às vezes, então, ele quer, antes mesmo de entrar no sistema, ele já quer burlar o sistema! A gente aqui na escola, a gente tenta não fazer isso! Ao menos, se estão fazendo isso, eu não *tô* sabendo! O que a gente sempre... Sempre que a pessoa chega aqui, a gente

orienta: “Olha! A gente vai fazer tudo certinho!” Aqui, olha! Até outro... Eu coloquei o horário que o estagiário chegou na sexta-feira, até a hora que ele saiu; hoje chegou nessa hora; na hora que ele saiu, eu marco aqui; que é *pra* que ele... ele cumpra efetivamente aquelas horas; que não seja um faz de conta; que realmente ele vá e faça aquelas atividades! Eu acho hiper importante que... que o profissional que vai sair da universidade, ele... ele saia com essa experiência daqui, pelo menos como estagiário, porque aqui é uma escola, *né?!*

Fernanda: Sim. O que você pensa sobre a Arte?

Luiz: Olha! Eu acho que Arte é uma... uma área de conhecimento como... como todas as outras! É... Eu penso que é importante! É... Eu não tenho conhecimento profundo sobre Artes! Eu sou só um apreciador, *né?!*

Fernanda: Aham!

Luiz: Eu vejo uma... uma pintura... Olha aqui *pra* você ver! Os meninos pintaram essas co... esses aqui! Eu tinha até mais uma... um outro quadro aqui! Então, eu acho legal! Eu não sei porque que eu acho legal, mas, eu acho legal de ter essas coisas aqui! E você deve ter visto que a sala de Artes é uma sala de Artes, *né?!* Ela é toda... toda decorada lá com... com esse tema. Então, eu acho que a Arte faz parte! É... Sei lá! Você vê essas coisas! Você... Sei lá?! Eu... Eu não sei explicar bem o que acontece, mas, eu sei que é legal; é bom!

Fernanda: E o que você pensa sobre o circo?

Luiz: Circo?

Fernanda: É?!

Luiz: Olha! Circo *pra* mim é... Eu acho legal poder ver pessoas fazendo coisas *incomum* – coisas que a gente não consegue fazer! Eu não consigo jogar duas bolinhas *pra* cima e mantê-las no ar! Não consigo! Agora, eu... eu não gosto de circo que tenha animais! É... Eu... Eu... Se eu quiser ver animal, eu vou ao zoológico! Embora até o zoológico, eu tenha, assim, minhas... É... Não... Não... Não... Não gosto muito daquela ideia... dos animais ali presos! Ah! O ideal seria ir *num... num* safari, *né?!... num* lugar onde tem os animais soltos lá e ver eles! Então, eu não frequento circo...

Luiz: Eu não frequento circo que tenham animais! Eu vejo lá que tem um leão e não sei o que – eu nem vou! Agora, circo que tem pessoas lá fazendo graça, malabarismo,

????... na corda – de lá *pra* cá – e tal, tranquilo! Eu acho ótimo! Eu gosto!

Fernanda: E o que você pensa sobre os princípios do circo na escola?

Luiz: Mas, o que que se ensinaria?

Fernanda: Ensinar a linguagem do... do circo... é... como diz: malabares... é... essa questão de percepção corporal, relacionado também à interpretação, desenvolvendo o senso crítico, através da arte mesmo!

Luiz: Mas aí seria dentro da disciplina de Artes?!

Fernanda: Dentro da disciplina de Artes. **Luiz:** Não seria uma matéria a mais, não?!

Fernanda: Não.

Luiz: Não. Eu não vejo problema, não! Eu acho que se a gente tiver profissionais que sejam capazes de falar sobre isso, não vejo problema! Agora, a gente tem profissionais capacitados *pra* falar disso? *Né?*! Os professores que estão em sala de aula hoje, eles têm esse conhecimento? Ou o conhecimento deles é parecido com o meu: só, assim, de longe? Porque uma coisa é você ter um conhecimento, assim, só de... e outra coisa é você estudar sobre o assunto! Então, talvez fosse interessante primeiro a gente ter profissionais capacitados *pra* fazer esse tipo de trabalho! Mas, eu não vejo... eu não tenho nada contra, não! *Tá bom?*!

Fernanda: *Tá bom?*! Obrigada!

Luiz: De nada!

Fernanda: (RISOS)

APÊNDICE 3 – ÁUDIO: ENTREVISTA COM WEMYSON

Tempo: 00h06m22s

????: Trecho não identificado.

Fernanda: Então, com a sua experiência profissional, o que é educação para você?

Wemyson: Educação *pra* mim é algo que é tão importante quanto muitas coisas aí que o pessoal dá mais valor do que isso! *Pra* mim, a educação é essencial! É a base de todos os problemas... Ela é a solução de todos os problemas que a gente vive:... é... criminalidade, tráfico... todos esses males que assolam a juventude e **????**... os adultos. *Pra* mim, a educação é a base *pra* resolver tudo isso!

Fernanda: É... Como você vê o papel que a escola vem desempenhando?

Wemyson: Perdão?!

Fernanda: Como você vê o papel que a escola vem desempenhando?

Wemyson: Se falar nossa escola específica? Essa?

Fernanda: Aham!

Wemyson: Eu acho que é bem... *Tá* bom! Porque eu vejo vários... é... reconhecimentos dela; prêmios, eu já vi no passado! Os alunos também se importam muito com qualquer coisa que a gente vai realizar na escola! Então, eu acho que essa escola aqui específica *tá* com um bom papel!

Fernanda: O que é mais fácil e o que é mais difícil de **????** no dia a dia escolar?

Wemyson: O que é mais fácil?

Fernanda: É. E o que é mais difícil?

Wemyson: Ah! Olha! São várias coisas, mas, eu acho que o que é mais difícil *são* o que você não pode prever! Digamos... Vou te dar um exemplo: eu venho, dou minha aula, e aí, eu lido com o físico das pessoas, *né?!...* aí tem o aspecto do sol, porque a nossa quadra não é coberta; e aí, um dia desses eu tive uma situação que a gente não... tem que *tá* preparado, mas que está preparado *pra* uma coisa dessa, que foi... aconteceu um acidente com uma aluna; e aí, você tem que *tá* preparado *pra* lidar com esses tipos de situações do dia a dia: é... alunos que podem chegar bêbados aqui, *né?!...* algo que fo... foge da rotina nossa! Eu acho que essa é a parte mais difícil! Porque o resto, *pra* mim, tudo é fácil! Eu, desde a minha... da faculdade era isso... isso que eu queria fazer e é o que eu quero fazer e é o que eu gosto de fazer! Então, *pra* mim, tudo – vir *pra* sala, falar, levar eles *pra* quadra, explicar uma, duas, três vezes, para mim tudo é fácil! A parte mais difícil que eu acho mesmo é a questão do imprevisível! E também eu acho que as diferenças de personalidades! Porque você mexer com gente, *né?!...* é difícil! Às

vezes, uma pode ser mais tranquilo e outro pode ser... Como eu tenho notado: eu recebo muitas reclamações lá no... lá no Conselho de Classe, ou na reunião aqui na Coordenação, de alguns alunos! Só que, comigo, esses alunos são muito tranquilos! Entendeu?! Nunca eu tive nenhum problema com eles! Eu acho que é porque é questão da matéria: eles gostam muito da minha matéria, *né?!* Eu acho que tem um pouco a ver com isso!

Fernanda: E... É... Se tivesse que escolher outra profissão, você escolheria ser professor? Se você voltasse a um tempo atrás, você ainda escolheria ser professor e por que?

Wemyson: Ainda escolheria ser professor de Educação Física sim! Agora, se eu pudesse voltar no tempo, assim, nos meus 10, 12 anos, eu acho que eu escolheria ser jogador de futebol! (RISOS) *Né?!* Porque... Mais rentável! Muito mais rentável e é uma coisa que eu também gosto de fazer muito, mas, eu nunca tive outra pretensão, assim, de ser, sei lá, um juiz ou uma coisa assim! É lógico que se tivesse um concurso e eu passasse, eu ia, *né?!* Se eu estudasse *pra* isso! Mas, a minha **????** mesmo sempre foi de ser professor! Desde quando eu era aluno de 5ª. Série, 6ª, eu falo: eu vou ser professor de Educação Física!

Fernanda: E sobre o circo? O que você pensa?

Wemyson: O circo? Olha! Eu fui ao circo, eu acho que, se eu não me engano, em toda a minha vida, nos meus 27 anos... eu acho que fui umas duas vezes! É... Juntando essa minha curta experiência, algumas coisas que eu já vi de cinema, essas coisas... reportagens, eu acho que é algo lindo, assim; algo *pra* encantar; algo que envolve várias coisas; inclusive, eu acho que até da **????** também, porque acro... acrobatas, equilibristas, todos têm que trabalhar uma coordenação motora – bastante complicado, *né?!* Então, *pra* ser isso, eles tem que ter uma coordenação bem forte! Então, tudo isso... Aqui, a gente busca trabalhar **????** com **????**, que é desenvolver a coordenação do aluno! Porque tem aluno que não consegue, às vezes, nem correr direito – correr sem cair! Não consegue... Alguns, na quadra, essa semana, não sabem o que é esquerda e o que é direita – já no Ensino Médio! Entendeu? Então, eu acho que – voltando ao circo – se eu pudesse definir o circo, eu acho que eu definiria como uma arte linda, encantadora e que é *pra* fazer a gente rir, *pra* gente se impressionar! Eu acho que é uma arte completa!

Fernanda: E sobre o ensino do circo na escola como conteúdo de Arte e de Educação Física?

Wemyson: Como ensino de Artes?

Fernanda: É.

Wemyson: De Artes, eu acho que é bem plausível! De Educação Física... Na Educação Física também seria! Como eu te falei antes, *né?!* Já até respondi antes! É... Eu acho que seria

bom porque algumas atividades circenses são bem boas *pra* desenvolver essa coordenação do corpo: força, coordenação, músculos, *né?!* Eu acho que seria plausível sim!

Fernanda: Obrigada!

Wemyson: De nada!

APÊNDICE 4 – ÁUDIO: ENTREVISTA COM ABÉRICO

Tempo: 00h06m16s

Fernanda: Boa noite, pai!

Abérico: Boa!

Fernanda: Então, o senhor me disse que trabalhou em um circo... é...quando foi que o senhor trabalhou? Que ano foi? Qual era o circo?

Abérico: Então é..., eu tentei nesse circo para ver mesmo porque eu tinha curiosidade e... eu tava com uns 28 anos por aí...

Fernanda: Quantos anos você tem?

Abérico: Bom, hoje estou com 55, tem que ver que data que foi essa, né? (risos) mas eu não sei a data exata, tem que somar para depois saber essa data... E é isso, uma aventura foi bom.

Fernanda: Qual era o circo?

Abérico: Circo de Líbano.

Fernanda: Qual era o número que você fazia?

Abérico: Eu, eu entrei no circo mesmo assim ajudando no serviço geral e depois consegui uma vaga... é para apresentar o rola-rola japonês porque eu já tinha um pouquinho de experiência em casa, brincando e lá eu desenvolvi melhor e apresentava o rola-rola japonês na hora do espetáculo.

Fernanda: Quanto tempo o senhor ficou no circo?

Abérico: Eu fiquei três meses no circo e ajudava o circo, ajudava as pessoas em tudo, mas eu tinha o meu número que eu fazia a noite e nas matinês também.

Fernanda: Qual foi... o que foi de mais mágico que você vivenciou no circo?

Abérico: É... eu, eu gostava de ver assim os espetáculos e apresentava, eu achava maravilhoso e quando eu apresentava o meu número, eu achava assim o máximo! A parte melhor que eu achava mesmo é quando eu estava lá de frente para o público, era meu sonho de moleque ficar assim no circo por um tempo, mesmo que fosse por pouco tempo ficasse... para conhecer como é que é o convívio deles, então, para mim eu estava realizando um sonho de moleque e eu estava já rapaz de idade um pouco, mas realizei.

Fernanda: O que te levou a sair do circo?

Abérico: É porque eu entrei no circo por temporada mesmo, não foi realmente para ficar definitivo. Já tinha conhecido como é que funciona tudo lá dentro, já tinha tirado a limpo.

Fernanda: Qual foi a maior dificuldade durante o período que você esteve lá?

Abérico: A maior dificuldade foi entrosar com o pessoal, conquistar a confiança dos diretores do circo. Foi difícil porque eles lotam muitas pessoas, mas não dá créditos para as pessoas porque muitas não têm formação, não têm conhecimento com quase nada e eles não dão estia, créditos para as pessoas. A gente tem que ser bem pontual no serviço, bem-educado com eles para a gente ter oportunidade. Foi muito difícil conquistar um espaço, mas quando eles viu que eu tinha um pouco de talento e eu era bem assim direito com eles, então eles começaram a abrir o espaço.

Fernanda: Dessa vivência o que você leva para a sua vida?

Abérico: É experiência, né? Uma experiência diferenciada, uma experiência com arte, um tempo bom durante esses três meses. E eu posso falar um pouco sobre circo porque já tive dentro do circo, né? Assistir espetáculo mas trabalhei também dentro do circo. Têm as dificuldades, tem bastante, mas também alegria quando é espetáculo, mesmo quando a pessoa está meio contrariada por algum motivo quando é na hora do espetáculo todo mundo se alegra, todo mundo fica feliz naquele momento ali, cheio de gente ali aplaudindo os artistas.

Fernanda: Qual era o seu nome artístico mesmo?

Abérico: O meu nome artístico era Renato Yang Tak, porque, quando eu trabalhei em Brasília, eu tinha um amigo com nome de Renato eo sobrenome Yang Tak porque ele é japonês. Quando eu entrei nesse circo eu lembrei dele... como o rola-rola é japonês, eu fiquei com esse nome artístico de Renato Yang Tak e era bacana quando anunciava o meu nome... eu me sentia nas nuvens (risos) “Com vocês no picadeiro Renato Yang Tak e o seu rola-rola japonês” fazia o meu número e esetava me sentindo um artista. E é isso...

Fernanda: Obrigada!

**ANEXO 1 - QUADRO 1, MULTILETRAMENTOS, CRIATIVIDADE E MOVIMENTO:
MATRIZ CURRICULAR PROPOSTO PELO CURRÍCULO EM MOVIMENTO**

1º Ano	2º Ano	3º Ano
Cultura corporal: o movimento como construção histórico-social.	Jogos cooperativos.	Cultura corporal: o movimento como construção histórico-social
Funcionamento do organismo humano: capacidades fisiológicas, motoras, psíquicas e afetivas	Cooperação como prática social: jogos de integração.	Estratégias de equipe, regras combinadas, integração pelas práticas, solução de problemas.
Conceito de Arte.	Concepção de mundo solidário.	Esporte e Arte.
Linguagens artísticas: visual, teatral, musical e dança.	Cultura corporal: o movimento como construção histórico-social.	Cooperação como prática social: jogos de integração.
Elementos formais e morfológicos da linguagem teatral: ator, público, texto ou contexto, voz, corpo, espaço, movimento, ação, expressão corporal, dramática, improviso.	Elementos estruturadores e secundários da composição teatral: ator, público, texto ou contexto, ação, conflito, improvisação, signo, símbolos, clímax, enredo.	Improvisação e criação.
Elementos estruturais do texto ou contexto: apresentação de personagens, conflito, ação, enredo, desenlace. Elementos secundários: diretor, ator, cenário, figurino, maquiagem, iluminação, sonoplastia, palco, adereços e objetos de cena.	Linguagens artísticas e tecnologia.	Elementos da estética teatral: Voz, corpo, espaço, movimento, ação dramática entre outros.
Elementos formais e morfológicos da linguagem corporal (dança): corpo, expressão corporal, forma ritmo, movimento.	Prática interpretativa.	Crítica de Arte.
Práticas circenses.	Espaço bidimensional, tridimensional e noções de perspectiva.	Arte colaborativa.
Prática interpretativa.	Ações cênicas elaboradas.	Ética e cidadania por meio de linguagens artísticas.
Espaço bidimensional, tridimensional e noções de perspectiva.	Jogos corporais coreográficos.	Espaço bidimensional, tridimensional e noções de perspectiva.
Produção visual, teatral, musical e dançante no Distrito Federal e entorno.	Busca pelo movimento individual.	Ações corporais: movimento, espaço, tempo, peso, fluência.

(continuação)

Profissional de música, dança e artes visuais.	de teatro,	Jogos dramáticos, ações e improvisações teatrais.	Jogos dramáticos e a expressão corporal.
Expressão corporal no contexto das manifestações populares.			Jogos corporais coreográficos.
Jogos dramáticos, e improvisações teatrais.			Improvisação.
Estudo dos elementos do movimento: criatividade, energia, velocidade, desenho.			
Corpo, espaço, movimento ação dramática, ritmo.			
Jogos corporais coreográficos – iniciação à coreografia.			
Improvisação.			

Fonte: Quadro adaptado do Currículo em Movimento especificamente para a integração do conhecimento circense.

**ANEXO 2 – QUADRO 2, MUTILETRAMENTOS, APRECIACÃO ESTÉTICA E ÉTICA:
MATRIZ CURRICULAR PROPOSTA PELO CURRÍCULO EM MOVIMENTO**

1º Ano	2º Ano	3º Ano
Cooperação como prática social: jogos de integração.	Atividades aeróbias e anaeróbias.	As profissões ligadas às tecnologias contemporâneas e a influência da tecnologia nas produções artísticas.
Gêneros teatrais: tragédia, comédia, drama, farsa e outros.	Improvisação e criação.	Tipos de ações cênicas,
		Improvisadas e elaboradas.
Manifestações populares brasileiras: folguedos, congadas, folia de reis, carnaval, pastorinhas, bumba-meu-boi, festa do divino, cavalhada, quadrilha e brincantes.	Profissional das Artes: identificação e funções básicas.	Tendências contemporâneas grupos teatrais brasileiros estrangeiros.
Produções e manifestações da dança no Distrito Federal e no entorno: Seu Estrelo e Fuá do Terreiro, Pé de Cerrado, Bumba-Meu-Boi do Seu Teodoro e outros.	A função do público: formação de plateia/ expectador.	A função do público: formação de plateia/ expectador.
A função do público: formação de plateia/ expectador.	Educação patrimonial na valorização de bens artísticos e culturais brasileiros.	Relação entre as novas tecnologias e produções artísticas.
Profissional das artes (artes visuais, música, teatro e dança): identificação, desafios e possibilidades na contemporaneidade.	Relação entre as novas tecnologias e as produções artísticas.	Arte e sustentabilidade.
		Alteridade

Fonte: Quadro adaptado do Currículo em Movimento especificamente para a integração do conhecimento circense.

ANEXO 3 – QUADRO 3, MULTILETRAMENTOS, CIÊNCIA, REFLEXÃO E ANÁLISE CRÍTICA: MATRIZ CURRICULAR PROPOSTO PELO CURRÍCULO EM MOVIMENTO

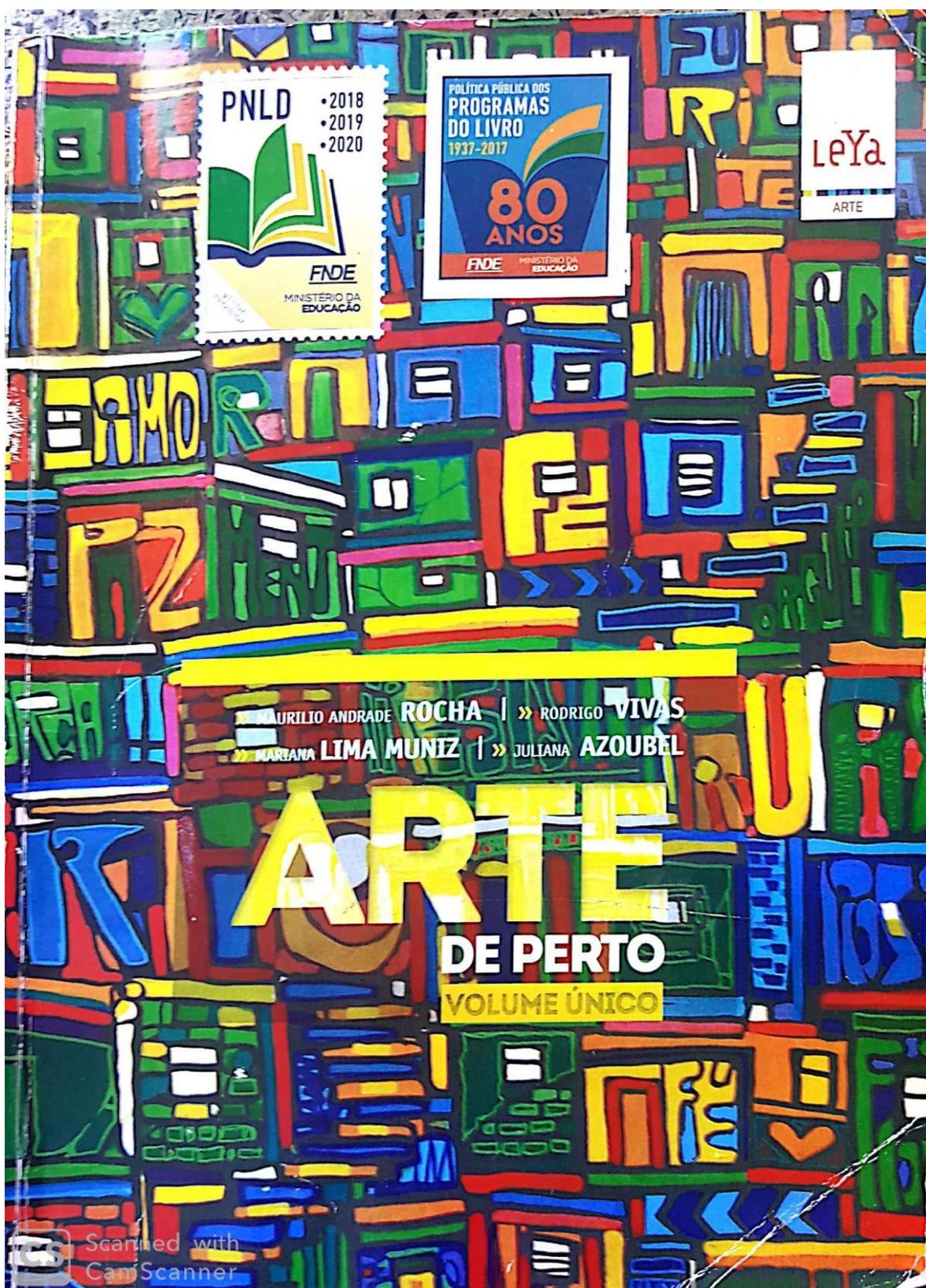
1º Ano	2º Ano	3º Ano
Problematização de regras de jogos (instrumento de criação e de transformação).	Cultura popular brasileira (visuais, música, teatro, dança).	Arte e consumo.
Principais artistas e suas obras (brasileiros, africanos, europeus).	Arte e meios de comunicação de massa.	A arte e seu papel político e social.
Principais produções artísticas (brasileiras, africanas e europeias) e suas características.	Papel político e social da arte.	Principais produções artísticas (brasileiras, africanas e europeias) e suas características.
	Ações cênicas elaboradas.	Estudo comparativo de obras do passado e contemporâneas.
	Apropriações culturais e interações entre os povos.	
	Principais artistas e suas obras (brasileiros, africanos, europeus).	

Fonte: Quadro adaptado do Currículo em Movimento especificamente para a integração do conhecimento circense.

Anexo 4 – Certificado de qualificação de Artista Circense



ANEXO 5 – LIVRO DIDÁTICO UTILIZADO NA ESCOLA CED 310 DE SANTA
MARIA-DF



APRESENTAÇÃO

Caro(a) estudante,

Com este livro didático da disciplina Arte para o Ensino Médio pretendemos contribuir com seu processo de aprendizagem dos quatro campos artísticos dessa disciplina (artes visuais, dança, música e teatro), integrando-os com outras linguagens artísticas, como o circo, a performance, as intervenções urbanas.

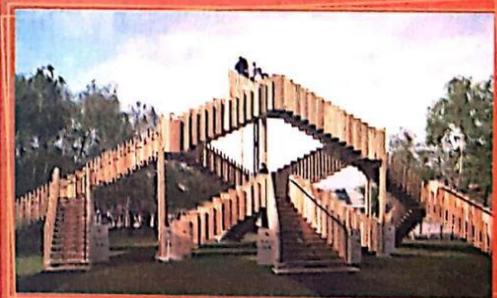
Nosso objetivo é possibilitar que você conheça práticas artísticas da contemporaneidade, suas relações com a história e os diálogos com a sociedade atual. Esse conhecimento passa também por experimentar artisticamente os materiais, suportes e temas das práticas artísticas analisadas, bem como pesquisar e reconhecer a presença dessas artes em seu dia a dia.

Entendemos a arte como uma área do conhecimento humano específica que se expressa e comunica de maneira diversa por meio da experiência e sensações com imagens, sons, texturas, cores, luz e/ou sombra, texto escrito e/ou oral e com o movimento. Esperamos que, conhecendo, praticando e refletindo sobre a arte, você possa ampliar sua experiência em relação ao cotidiano e à arte e, assim, contribuir para a construção de um futuro melhor, em que as pessoas e linguagens possam conviver sem hierarquias estáveis que valorizam umas em detrimento de outras.

A arte faz parte da cultura e envolve vários aspectos da vida contemporânea: a tradição com expressões da cultura popular, a inter-relação de diversos campos do conhecimento e as inovações tecnológicas. Como o mundo, a arte contemporânea também é plural. Desejamos que o conhecimento e a experiência com a pluralidade das formas artísticas possibilitem uma percepção igualmente plural da sociedade contemporânea.

Por último, ansiamos que os temas abordados neste livro fomentem boas discussões e sejam capazes de envolvê-lo(a) no universo artístico e em suas relações com a sociedade e com o seu dia a dia. Ao final dessa jornada, esperamos que a Arte, como disciplina escolar, contribua para uma formação em que os conhecimentos se encontrem integrados e possibilitem a inovação e a criação de soluções e novas reflexões sobre o presente e o futuro do país.

Os autores



Disciplina Arte – seus campos artísticos e suas zonas de contato

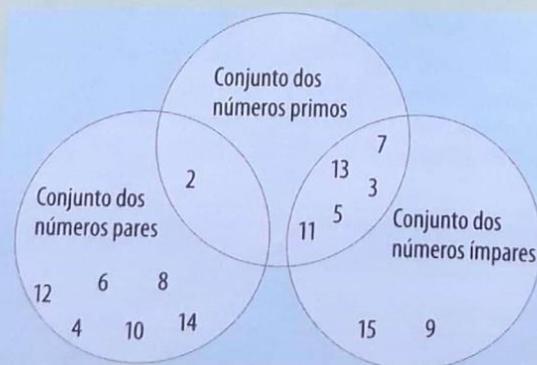
Para evidenciar os territórios de cada campo artístico e as suas interseções, chamadas, aqui, de zonas de contato, vamos dialogar com a teoria matemática dos conjuntos.



ARTE EM DIÁLOGO

Arte e Matemática

De acordo com a teoria matemática dos conjuntos, um conjunto é uma coleção não ordenada de zero ou mais objetos distintos, que são chamados de elementos do conjunto. Para pertencer a um conjunto, os elementos têm de compartilhar as características que o definem. Por exemplo, no caso do conjunto dos números pares, o número 2 é um elemento pertencente a esse conjunto; já o número 3 não pertence ao conjunto dos números pares, pois é ímpar. Há, também, a possibilidade de interseção entre os conjuntos, ou seja, em dois conjuntos A e B, pode haver uma série de elementos que pertençam, simultaneamente, a A e a B. Se pegarmos, como exemplo, o conjunto dos números primos, haverá interseção entre esse conjunto e o conjunto dos números ímpares e o dos números pares. O número 17 é um número que pertence, ao mesmo tempo, ao conjunto dos números primos e ao conjunto dos números ímpares. O número 2, por sua vez, pertence ao conjunto dos números primos e ao conjunto dos números pares. Assim, podemos pensar que o conjunto dos números primos possui duas zonas de interseção: uma com o conjunto dos números pares e outra com o dos ímpares. Esses conjuntos (números pares e ímpares), no entanto, não possuem interseções entre si.



EDITORA DE ARTE

Ilustração esquemática do conjunto dos números primos e de suas interseções com os conjuntos dos números pares e ímpares.

ARTE PARA NAVEGAR

Disponível em: <www.ekac.org/gfpgalaxia.html>. Acesso em: 28 jan. 2016.

Eduardo Kac (1962-), artista carioca, realiza propostas que integram a arte a diversos campos do conhecimento. No projeto GFP bunny (2000), Kac, com a ajuda de pesquisadores de engenharia genética, inseriu em uma coelha uma proteína fluorescente verde. Essa modificação genética fez com que a coelha, ao ser exposta sob luz azul, emitisse uma luz verde. Uma das preocupações da obra é estabelecer um diálogo permanente entre profissionais de diferentes campos (arte, ciência, filosofia, direito, ciências sociais, entre outros) e o público sobre as implicações culturais e éticas da engenharia genética.

Se cada um dos campos artísticos da disciplina Arte (artes visuais, dança, teatro e música) fosse tratado como um conjunto, poderiam ser representados graficamente conforme figura 1.

Dança e teatro, se pensados dentro da teoria matemática dos conjuntos, fazem parte do conjunto denominado "artes cênicas", que contém também o circo, a ópera e outras expressões artísticas, como a performance, a intervenção urbana, que serão aprofundadas na Unidade 3 (vide figura 2).

A ópera, por sua vez, está contida na interseção dos conjuntos teatro e música. Observe:

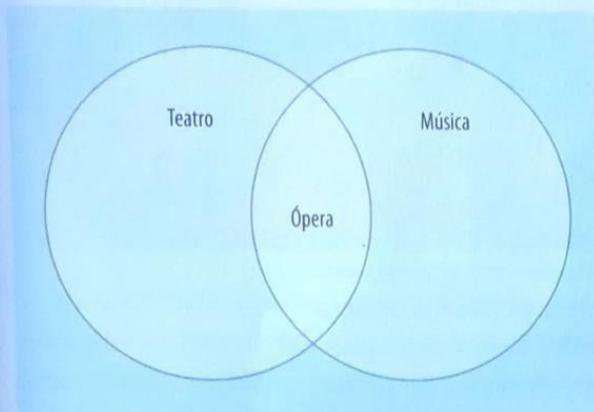


Ilustração esquemática da interseção entre os campos teatro e música que gera uma outra forma de expressão artística, no caso a ópera.

Pensando nas intervenções urbanas, em que a cidade é um dos grandes motores dessas práticas, vê-se que a interseção se expande para outras áreas do conhecimento, como a Geografia, a Sociologia, entre outras.

Da mesma forma que as artes cênicas, a música e as artes visuais fazem interseções com outros campos artísticos e com outras áreas do conhecimento. A música aborda diversos estilos musicais, como *funk*, *rock*, música de concerto, pagode etc. As artes visuais, por sua vez, abrangem diversas modalidades artísticas, como pintura, escultura, desenho, instalação, *site specific*. Também há expressões artísticas que aparecem como zonas de fronteira entre as artes, como é o caso da performance, sobre a qual haverá um estudo aprofundado na Unidade 3.

Site specific: a expressão em inglês pode ser traduzida literalmente como "local específico". Consiste em um movimento das artes visuais iniciado na década de 1970 no qual uma obra é criada para um espaço específico em uma relação estreita entre a arquitetura e outras características específicas desse espaço e a obra de arte. Também é uma característica presente em outras artes na contemporaneidade, principalmente nas artes cênicas.



Ilustração esquemática dos campos artísticos: teatro, dança, artes visuais e música.



Ilustração esquemática do campo artístico artes cênicas e de suas diversas formas de expressão artística.

capítulo

2

ARTES CÊNICAS:
TEMPO E ESPAÇO

Conteúdo

- O tempo e o espaço nas artes cênicas.

O cenário não deve falar a mesma linguagem que o ator. O cenário não pode ser da mesma natureza que o ator. O cenário é instituído pelo ator e, como ele, sempre em movimento.



Jacques Coppiola



Foto de um ator da companhia Jogando no Quintal durante apresentação em Ribeirão Preto (SP). Foto de 22 de janeiro de 2016. Observe como a plateia parece estar conectada ao palhaço da mesma forma que ele está se dirigindo ao público. Essa relação só é possível porque artistas e público estão compartilhando o mesmo espaço e o mesmo tempo.

AFINANDO OS INSTRUMENTOS

O teatro, o circo, a ópera, a dança e mesmo os *shows* ou concertos musicais, apesar de serem formas de expressão diferentes, têm sempre alguma característica em comum. Para se assistir a apresentações artísticas como essas, normalmente, as pessoas saem de suas casas e dirigem-se a um determinado lugar para estar na presença dos artistas. Da mesma forma, os artistas se preparam durante muito tempo, ensaiam, pesquisam, estudam e praticam suas habilidades para, no dia, horário e local estabelecidos, estarem na presença do público.



Ao refletir sobre a relação de tempo (duração) e de espaço (localização) nas artes cênicas (teatro, dança, circo, performance, entre outras), o que chama atenção é o acontecimento cênico, isto é, o evento no qual artistas e público compartilham um mesmo local, durante um mesmo período. Essas artes, por estarem fortemente ancoradas em uma mesma coordenada temporal e espacial, têm como importante característica sua efemeridade. Quando você assiste a uma peça de teatro, a uma apresentação de circo ou a um espetáculo de dança, você está compartilhando um momento único que não voltará a se repetir, mesmo que haja outra apresentação no dia seguinte ou que a apresentação seja gravada e reexibida em vídeo. Nas artes cênicas, há um tempo e um espaço compartilhados entre artistas e público durante a apresentação.



RODA DE CONVERSA

Com os colegas e o professor, conversem sobre os espaços onde ocorrem apresentações de teatro, dança ou circo e a duração dessas apresentações e respondam às perguntas a seguir.

1. Vocês conhecem alguns desses espaços? Quais?

2. Quais são as principais características estruturais desses locais?

3. Como as pessoas se comportam nesses espaços?

4. Em que horário essas apresentações costumam ocorrer com mais frequência?

5. Quais diferenças pode haver em uma mesma apresentação de dança, teatro ou circo feita durante o dia em um espaço aberto e durante a noite em um espaço fechado?

Circo: tempo e espaço

O circo é uma das tradições mais antigas das artes cênicas tanto no Brasil quanto em diversos países do mundo. O espaço de apresentações, em geral, é semicircular, em uma arena chamada **picadeiro**, rodeada por grandes arquibancadas debaixo de uma lona.



Foto de pessoas assistindo a acrobacias em tecido no Circo da Cultura, na Universidade de Passo Fundo (UPF), que teve apresentações de música, dança e circo. Foto de 22 de agosto de 2011, Passo Fundo (RS).

ARTE PARA ASSISTIR

O palhaço

Direção: Selton Mello
Globo Filmes: Brasil.

Ano: 2011.

Duração: 90 min.

O filme conta a história de um pai e um filho que trabalham como palhaços numa trupe itinerante de circo na década de 1970. Tudo vai bem até que o filho entra em crise porque sente que já não consegue fazer as pessoas rirem. O filme aborda a tradição circense itinerante brasileira e conquistou a crítica e o público em sua estreia.

O tempo no circo também é um elemento muito importante, pois essa arte se baseia fortemente na tradição dos números circenses, breves apresentações de habilidades físicas, envolvendo equilíbrio, elasticidade, saltos etc.; números de mágica; *gags* (rotinas cômicas) de palhaço e outros. Os números circenses tradicionais são passados de geração para geração, tendo uma origem distante no tempo que se faz presente no espaço do picadeiro a cada nova apresentação.

Sobre a história do circo, é muito difícil precisar a data e origem dos espetáculos. No livro *O circo no Brasil* de Antônio Torres (1940-), encontram-se algumas hipóteses para esse surgimento:

Há registros de que o circo tem suas raízes nos hipódromos da Grécia antiga e no grande Império egípcio, onde já havia a doma de animais. [...] Diversos números circenses faziam parte das Olimpíadas, diz a pesquisadora Alice Viveiros de Castro, para quem a arte circense é uma arte de superação, com uma relação muito forte com o esporte. [...] Os chineses têm outra versão, que complica tudo: foi na China que tudo começou. E com a arte acrobática, tão antiga quanto a sua música, a sua dança e o seu teatro.

TORRES, Antônio. Colaboração: Alice Viveiros de Castro e Márcio Carrilho. *O circo no Brasil*. Rio de Janeiro: FUNARTE; São Paulo: Atracção, 1998. p. 10.

Sobre a chegada do circo no Brasil, Torres realiza uma entrevista com Omar Elliott, diretora da Escola Nacional de Circo, no Rio de Janeiro, na mesma época da escrita do livro (1998). Leia a resposta de Omar Elliott:

No Brasil, a fase de ouro foi no século XIX, quando os grandes circos estrangeiros vinham para cá de acordo com os ciclos econômicos como o do café, o da borracha, o da cana-de-açúcar etc. [...] Sabe-se também que no último quarto do século XVIII já existiam grupos circenses indo de cidade em cidade, em lombo de burros, fazendo de tudo um pouco em pequenos espetáculos em dia de festa.

TORRES, Antônio. Colaboração: Alice Viveiros de Castro e Márcio Carrilho. *O circo no Brasil*. Rio de Janeiro: FUNARTE; São Paulo: Atração, 1998. p. 19-20.

Hoje o circo é uma arte que se relaciona fortemente com a tradição, mas também introduz nas apresentações tanto inovações tecnológicas quanto elementos do teatro, da dança e da música atual. Também é muito comum ver artistas circenses se apresentando em outros meios de comunicação como a TV, o cinema etc. Sobre essa relação temporal do circo desde sua origem até a atualidade, leia a seguir o depoimento do **bufão** italiano Leo Bassi (1952-):

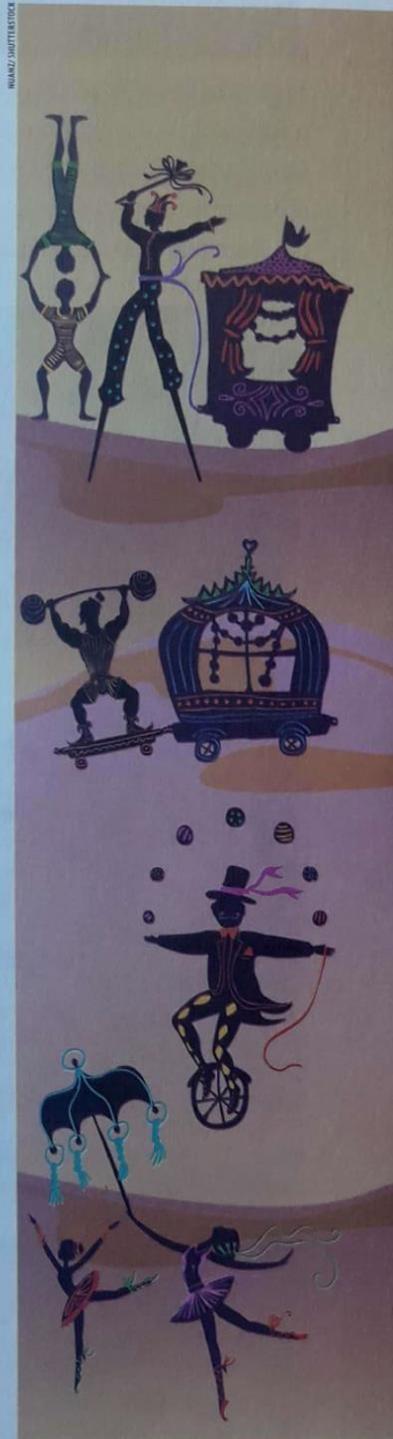
Quando meus pais e antepassados atuavam nos circos, o espetáculo circense era o divertimento popular por excelência e a magia do picadeiro significava para as pessoas humildes um dos prazeres mais importantes da vida. Como lugar de divertimento e lazer o circo não tinha rival, e debaixo da lona, convergiam valores profundos como a coragem, a perseverança ou a fé na capacidade humana. Com o cinema e ainda mais com o invento da televisão, este protagonismo da arte circense na sociedade foi se diluindo e transformou-se em um entretenimento menor, carregado de nostalgia, voltado para as crianças.

Pertencço à última geração que pode conhecer a força do circo como **mito utópico**. [...] Mas além da necessidade de sobreviver, minha luta constante é para dar voz ao bufão nos dias de hoje e manter seu humor irreverente, é uma homenagem a uma antiga tradição, rica em significado, que foi a essência da minha família durante quase dois séculos.

Disponível em: <<http://nuevaweb.leobassi.com/la-espiritualidad-de-los-bufones-una-conferencia-sobre-el-circo/>>. Acesso em: 24 nov. 2015. (Tradução dos autores especialmente para esta obra.)

Bufão: personagem cômico e provocador existente na tradição do circo e do teatro popular desde suas origens greco-romanas.

Mito utópico: no texto de Leo Bassi, pode ser entendido como uma narrativa lendária, um lugar (que não existe) onde as pessoas são iguais e vivem em harmonia. Para Bassi, o circo poderia ocupar este lugar lendário e utópico devido à sua força e tradição.





ARTE EM DIÁLOGO

Circo, educação e cidadania

No trecho a seguir, o artista circense e professor da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Fábio Dal Gallo, fala sobre o circo social. Surgido no Brasil, o circo social está presente também em outros países e contribui para a educação de crianças e jovens por meio das artes circenses, promovendo um reconhecimento das possibilidades e capacidades dos estudantes no desenvolvimento da cultura e da cidadania:

Atualmente, após mais de duas décadas de existência e experiências, o Circo Social ocupa um lugar de destaque não apenas no que se refere à atividade artística circense, mas também em relação à utilização da arte em âmbito da educação não formal. [...]

O Circo Social, que como termo e como experiência sistematizada surgiu no Brasil, está presente hoje no mundo todo, despertando de maneira crescente o interesse de diferentes instituições que desenvolvem o fazer pedagógico através da arte. Na prática, o Circo Social atua por meio de cursos de técnicas circenses articulados com um conjunto de atividades complementares que envolvem cursos de outras áreas artísticas e profissões da área cultural, como figurinista, técnico de som, além de um acompanhamento pedagógico dos alunos que visa à permanência no sistema formal de ensino e ao aumento do rendimento do educando; existe, como elemento de destaque de sua prática pedagógica, a criação de espetáculos e montagens didáticas, que, em muitos casos, são inseridas no mercado cultural.

GALLO, Fábio Dal. O cotidiano no espetáculo de Circo Social.
In: *Lamparina – Revista de Ensino de Teatro*. v. 1, n. 5, novembro (2014).
Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2014. p. 72.



Foto de jovem andando em um monociclo no Circo-Escola Benjamim de Oliveira, no bairro Venda Velha, em São João de Meriti (RJ). O Circo-Escola Benjamim de Oliveira representou o Brasil na 2ª edição do Circomundo, festival internacional de Circo Social, em 2015, na Itália. Foto de 18 de junho de 2015.

Após a leitura do boxe, responda:



- Como o circo social pode ajudar no desenvolvimento da cidadania e da educação de jovens e crianças?



Ainda que o circo esteja passando por grandes modificações, e o circo tradicional no Brasil também conviva com dificuldades para sua sobrevivência –, em cidades pequenas do país, os poucos espetáculos cênicos que chegam até o público são os dos circos que circulam pelas estradas do interior dos estados. Exemplo disso é o Circo Teatro Artetude, de Brasília, que em seu pequeno caminho percorre o interior de Goiás, Pernambuco, Ceará, Paraíba, entre outros estados, mantendo viva a magia do circo e levando arte aos lugares mais recônditos.



Artistas do Circo Teatro Artetude no espetáculo *Brincadeiras de circo*, rico em elementos como canções populares, jogos acrobáticos, malabarismos, brincadeiras de roda, equilíbrio, malabarismo e outros números circenses. Foto de 24 de junho de 2012, Brasília.

ARTE PARA NAVEGAR

Disponível em: <<http://globoTV.globo.com/rede-globo/fantastico/v/palhacos-rodam-o-interior-do-brasil-com-o-circo-teatro-artetude/3059034/>>. Acesso em: 28 out. 2015.

Acesse a reportagem sobre a trupe realizada em janeiro de 2014, intitulada "Palhaços rodam o interior do Brasil com o Circo Teatro Artetude", e conheça um pouco mais do trabalho do Circo Teatro Artetude. De acordo com um dos integrantes, "no fundo, cada um de nós está buscando seu lugar no mundo. Como se o mundo fosse um grande circo e cada um de nós precisasse saber onde pode contribuir no espetáculo".

O circo, a rua e a família

A história do circo no Brasil e no mundo está associada à história de famílias de artistas que peregrinam de cidade em cidade, montando sua lona em espaços ociosos e fazendo a alegria dos moradores da região. Há muitas canções populares brasileiras que trazem em suas letras as chegadas das companhias circenses, que costumam ser acompanhadas de grande euforia.

Leia a seguir um trecho da letra da música "Canções de palhaço".

Canções de palhaço

Eita!

Vai começar o te-te-re-te-tê

Oh, meninagem

"Oi!"

Vocês já estão todos preparados?

"Eu tô!"

Posso dar início a passeada?

"Pode!"

Eita, madeira!

Tombei, tombei, tornei tombá

"A brincadeira já vai começar"

Tombei, tombei, tornei tombá

"A brincadeira já vai começar"

O raio, o Sol suspende a Lua
"Olha o palhaço no meio da rua"

O raio, o Sol suspende a Lua

"Olha o palhaço no meio da rua"

O raio, o Sol suspende a Lua

"Olha o palhaço no meio da rua"

Eu vou ali, eu volto já

"Vamos todos passear"

Eu vou ali, eu volto cedo

"Vou chupar limão azedo"

[...]

Foto: W. V. / Contraste



Foto da apresentação da peça "O Circo Imaginário e Outras Histórias" da companhia Fantasia de Rua, do Festival de Teatro (FEST) de Curitiba, na praça Rui Barbosa, em Curitiba (PR). A peça mostra a presença dos artistas circenses para a cidade. Foto de 21 de março de 2008.

Como toda tradição, o circo foi se adaptando, influenciando e recebendo a influência de outras artes como o teatro e a dança. Há espetáculos de circo que são apresentados em edifícios teatrais, outros que são apresentados na rua e há, também, espetáculos circenses feitos embaixo da tradicional lona. Há companhias circenses compostas por pessoas formadas em escolas, como a Escola Nacional de Circo, no Rio de Janeiro. Porém, também há companhias itinerantes que mantêm a estrutura familiar como base de sua formação técnica e artística. Esse é o caso da Cia. Carroça de Mamulengos, composta por Carlos Gomide, Schirley França e os filhos do casal. Há mais de três décadas, a companhia viaja por todo o Brasil levando seus espetáculos – que misturam técnicas circenses, teatro de formas animadas, música e contação de histórias – às mais remotas localidades.



BRUNO LAGO

ARTE PARA NAVEGAR

Disponível em: <<http://carrocademamulengos.org>>. Acesso em: 2 dez. 2015.

Para conhecer mais sobre a Cia. Carroça de Mamulengos, acesse sua página na internet, onde é possível saber a história da companhia, ler as sinopses de seus espetáculos, e visualizar fotos e vídeos de suas apresentações.

Foto dos integrantes da Cia. Carroça de Mamulengos. Foto de 2011.

ARTE NO DIA A DIA

Fugir com o circo fez parte do imaginário de muitos jovens no século XX.

Peça a uma pessoa com experiência nesse contexto para contar como era o circo quando ela era criança e pergunte se, para ela, o circo era um importante momento de diversão e contato com a arte. É possível que ela ainda se lembre da emoção que sentia com a chegada dos artistas itinerantes em sua cidade.

Anote a resposta, compartilhe-a com os colegas, percebendo as semelhanças e diferenças entre elas. Depois de conversar com os colegas, responda:

- Atualmente, como você percebe o circo?
